numero 3 ano 1 - 1941

PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

HOTEIS RECOMENDADOS EM PORTUGAL

BUÇACO — Palace Hotel

Grande Centro de Turismo. O melhor Hotel de Portugal. Instalações de luxo. Telégrafo, telefones, garage. Telefones: Luso 1 e 4.

CURIA — Palace Hotel

O maior Hotel de Portugal. Afamadas águas minerais. PISCINA-PRAIA "Paraíso", uma das mais belas de Europa. Telefone: Curia 2.

COIMBRA — Hotel Astória

O melhor da cidade e único de 1.ª categoria. Telefones: 396 e 740.

LISBOA — Hotel Metrópole

Rossio, 30 | Telefones: 2 3740 e 2 5937. Um dos melhores de Lisboa. Completamente modernizado.

LISBOA — Hotel Europa

Praça Luiz de Camões, 6 | Telefones 2 0281/2. Situação magnífica e tranqüila Quartos simples e de luxo.

LISBOA — Francfort Hotel — Rossio

Rossio, 113 | Telefones 2 4421 e 2 4738. Situado no centro comercial. Preços moderados.

Informações e impressos: Escritório Central dos Hoteis Alexandre d'Almeida — Rossio, 108, Lisboa — Telegramas: «Hoteis Lisboa», Telefone: 2 7450.

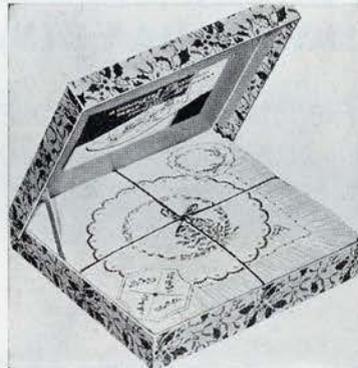
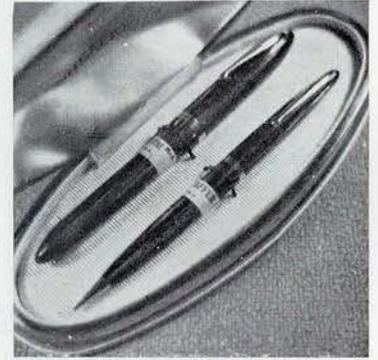
Se *for visitar a Arrábida, vá tomar as suas refeições à fortaleza no Portinho*

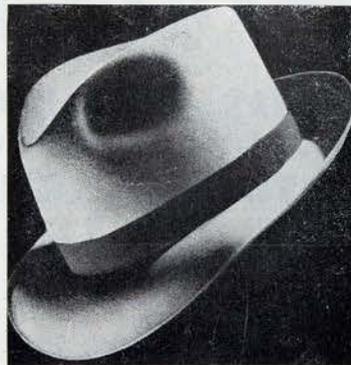
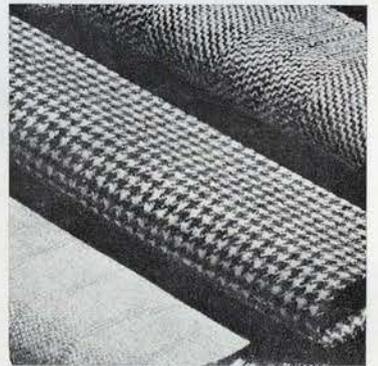
Onde *também encontra alojamentos para passar alguns dias agradáveis*

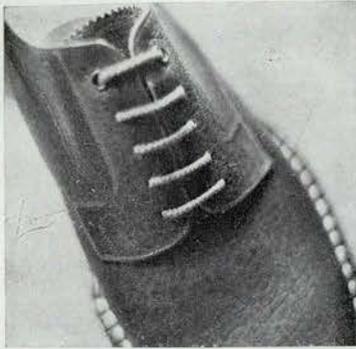
PEDIR INFORMAÇÕES A SEBASTIÃO GAMA

TELEFONES: ARRÁBIDA 507 — AZEITÃO 16

Aqui se aconselha...

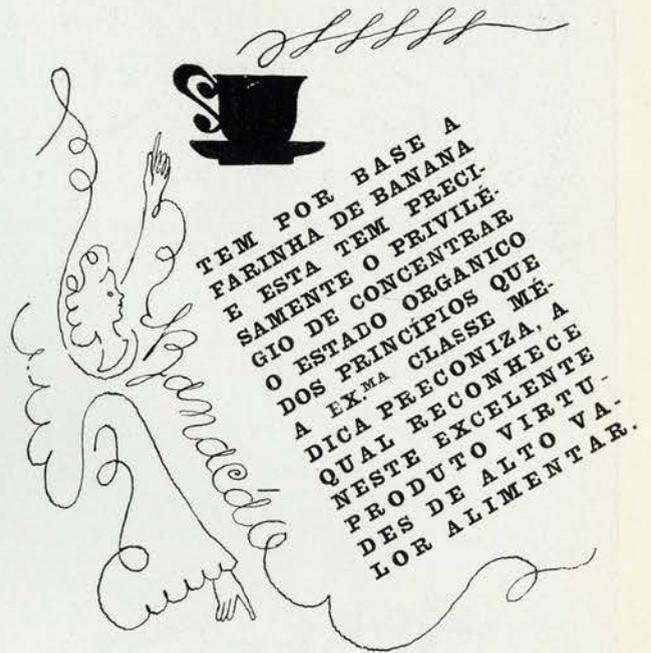
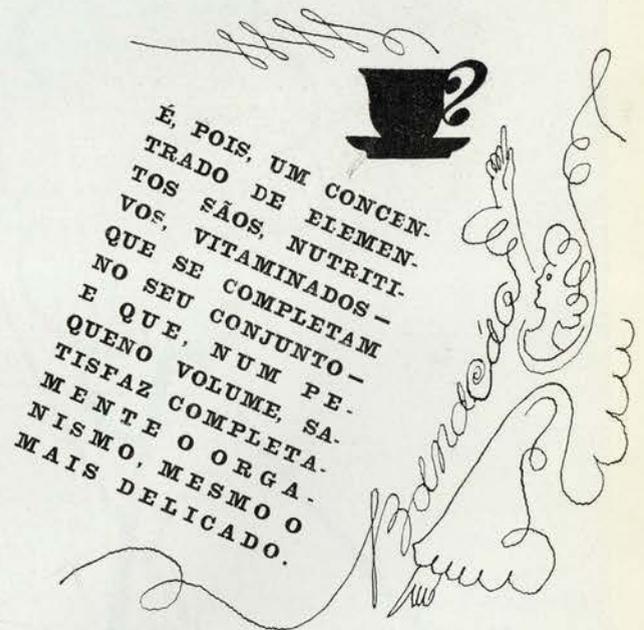
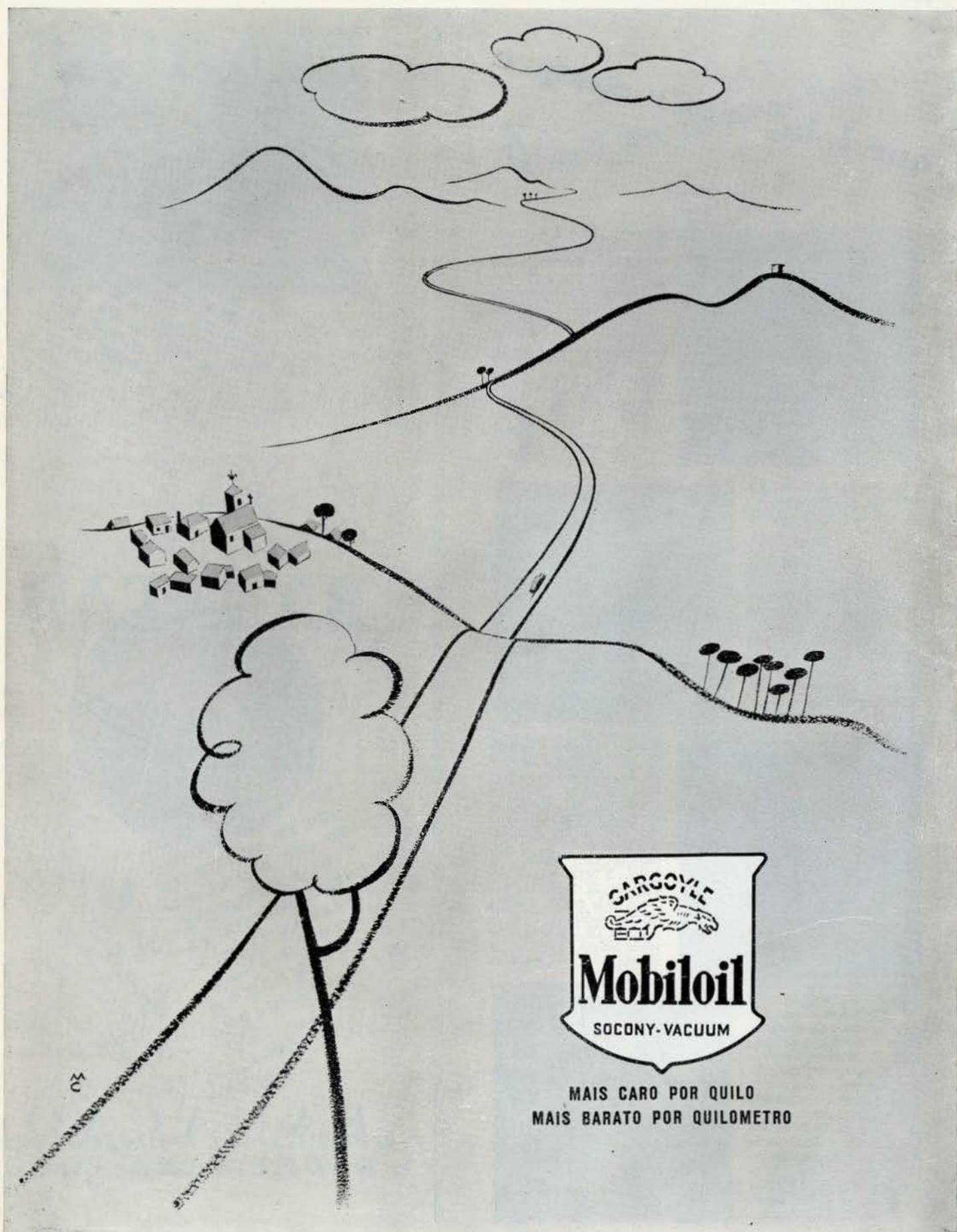
SHEAFFERS, é, na América, a caneta de tinta permanente n.º 1. A PAPELARIA VASCONCELOS apresenta a foto dum lindo estojo desta marca, ainda pouco conhecida em Portugal, e de que é revendedora. Mas, a mesma casa, na Rua da Prata, 270, Lisboa, também vende canetas doutras marcas: além das afamadas SHEAFFERS, possui variado sortido de Waterman's, Parker, Eversharp e Montblanc. — Telefone 2 2370.

QUANDO o *útil* e o *agradável* não andam a par, compete às boas donas de casa juntá-los. É o que fazem as senhoras que já descobriram a utilidade e o bom gôsto de servir os seus doces aos convidados em pratos e com guardanapos de papel, adquiridos na PAPELARIA VASCONCELOS, que possui uma completa e moderníssima variedade no género. Confirmem com os próprios olhos, indo, hoje mesmo, à Rua da Prata, 270, Lisboa. Telefone 2 2370.

SE vai mandar fazer um fato, procure um bom alfaiate. Neste caso, escôlha, também, um bom tecido. A fazenda para homem, SUPERBUS, é magnífica. De qualidade e de tipo inglês, os seus padrões são moderníssimos e de bom gôsto. Também DESPORTE-X, género de fazenda criado pela SUPERBUS, está a obter grande êxito. Peça ao seu alfaiate que lhe mostre as últimas novidades, para o Inverno de 1941, que SUPERBUS vai apresentar.

UM homem de bom gôsto, ao adquirir um chapéu, deve procurar um de boa qualidade, que tenha fôrma elegante, côr agradável, e seja apropriado para as ocasiões em que vai usá-lo. Em Lisboa, a CHAPELARIA LORD tem à venda aquele que mais lhe convém. Vá, pois, à Rua Augusta, 201, comprar êsse chapéu. Já agora, compre também a gravata e as luvas de que precisa. — Aptofone 2 2142.

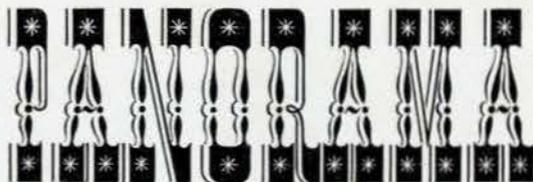
que leia, veja e compre

CALÇAR bem, é pretensão compreensível. Mas, muitas vezes êsse desejo fica por satisfazer, e por culpa do interessado. Deve procurar-se sempre a casa onde possa fazer-se boa compra. Ora, a CHAPELARIA LORD, na Rua Augusta, 201, vende os mais variados géneros de sapatos, para homem e senhora. E são dos melhores modelos, na qualidade, elegância e boa execução. — Aptofone 2 2142.

O ritmo da vida moderna não permite desperdício de tempo. Assim, quando precisar de gravatas, camisas, peúgas, meias, gabardines ou interessantes novidades, dirija-se imediatamente à GRAVATARIA PARIS, na Rua do Ouro, 172. A par de boas camisas, em lindos padrões e de talhe elegante, no género da que mostra esta foto, encontrará também, a preços acessíveis, muitos outros artigos de que gostará. — Telef. 2 6736.

TODOS os cuidados são poucos na compra de óculos. A escôlha das lentes deve ser rigorosa e a armação, evidentemente, não deverá ser qualquer. Procure, então, um bom oculista. Por exemplo: A EXACTA, LDA., na Rua Eugénio dos Santos, 50, (telef. 2 7932) que é depositária da Zeiss. Aí encontra tudo quanto se refira a óptica médica e T. S. F. A EXACTA, LDA. também vende artigos fotográficos e executa trabalhos para amadores.

OS PRODUTOS GLOBO vendem-se, dia a dia, cada vez mais. De facto, os flocos de aveia, as farinhas alimentares, os cafés e as diversas especiarias GLOBO, mereceram a aceitação do público que sabe preferir o que é bom. Aqui se vêem os diversos PRODUTOS GLOBO que a firma Costa & Bastos cuidadosamente fabrica. Faça já uma encomenda pelo telefone 2 3941, ou, então, vá à Rua Diogo do Couto, 7. LISBOA.

GARGOYLE
Mobiloil
SOCONY-VACUUM
MAIS CARO POR QUILO
MAIS BARATO POR QUILOMETRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DA ROSA, 277, 2.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

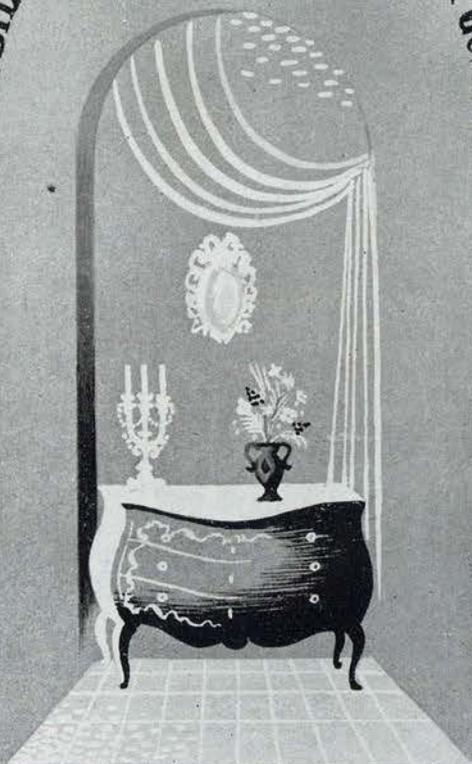
EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

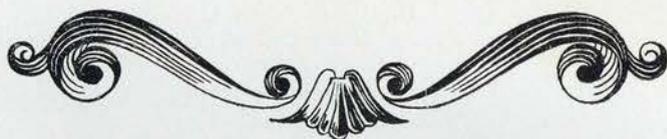
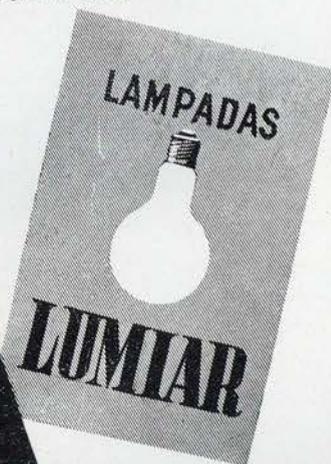
AGOSTO, 1941 N.º 3 VOLUME 1.º

CAPA: DESENHO DE ALMADA, ARRANJO GRAFICO DE BERNARDO MARQUES — MAPA DE TOMAS DE MELLO (TOM) — DESENHOS DE OLAVO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE A. MOREIRA, ALVAO, ALVARO PAIS RAMOS, BOBONE, CARLOS RIBEIRO, HORACIO NOVAES, JOSE AUGUSTO, MANFREDO, MARIO NOVAES, PADRE MOREIRA DAS NEVES, A. PARRO, DR. TAVARES DE ALMEIDA E TOM

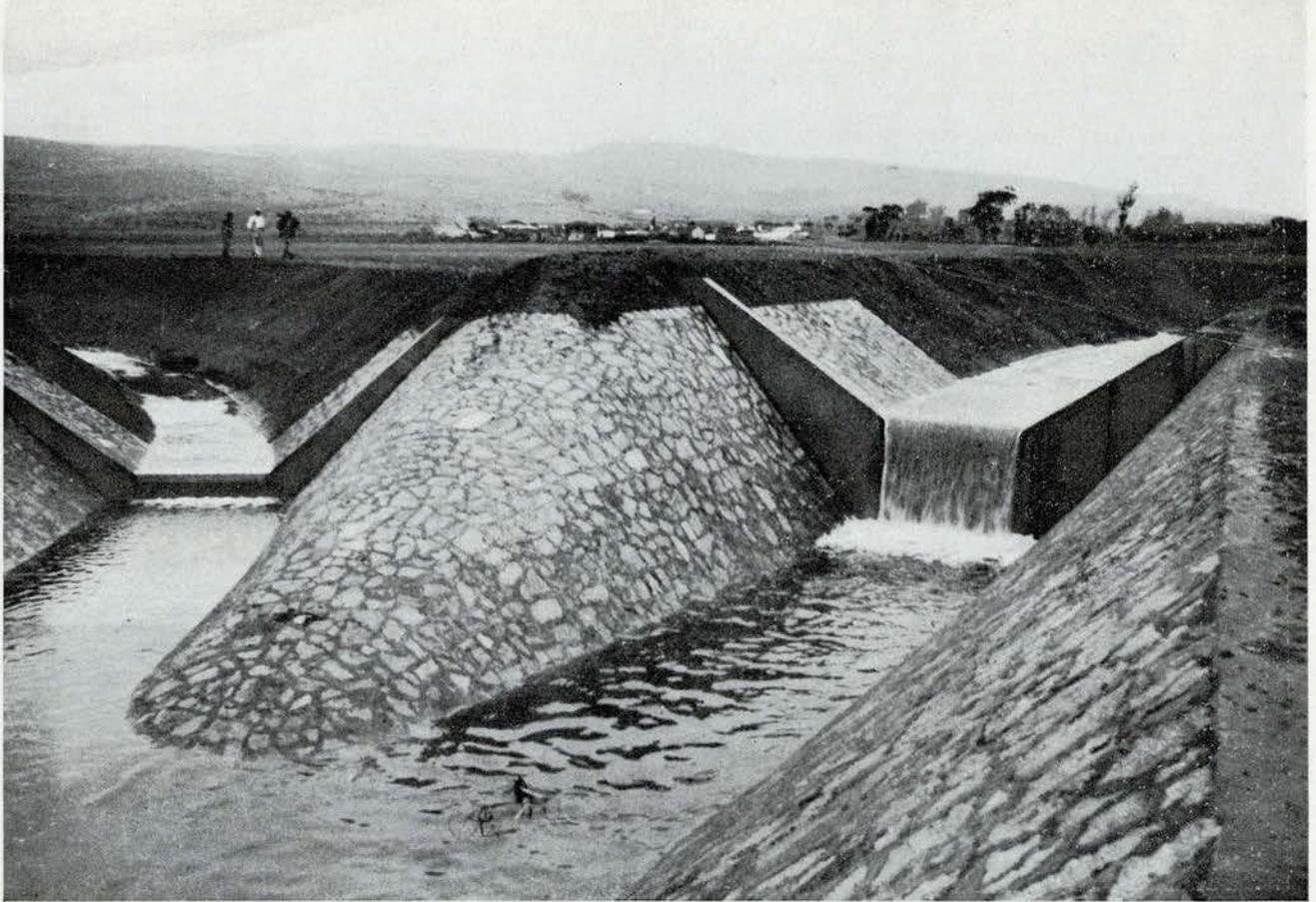
Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 15$00, 12 números 30$00, — Colónias Portuguesas, 6 números 17$50, 12 números 35$00 — Estrangeiro, 6 números 20$00, 12 números 40$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DA EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA

PREÇO: 2$50

*28, R. GARRETT, 30 * 134, R. AUGUSTA, 140*

LISBOA

EMPRÊSA NACIONAL
DE APARELHAGEM ELÉCTRICA

AVENIDA 24 DE JULHO, 158 | LISBOA

TELEFONES 6 2177 - 6 2178 TELEGRAMAS "LAMPAR"

HIDRÁULICA AGRÍCOLA

por

Augusto Casimiro

FOI em 1930, e, mais precisamente, em 1935, que se iniciou e tomou corpo de magnífica realidade a tarefa mais generosa até hoje tentada ao serviço da Nação.

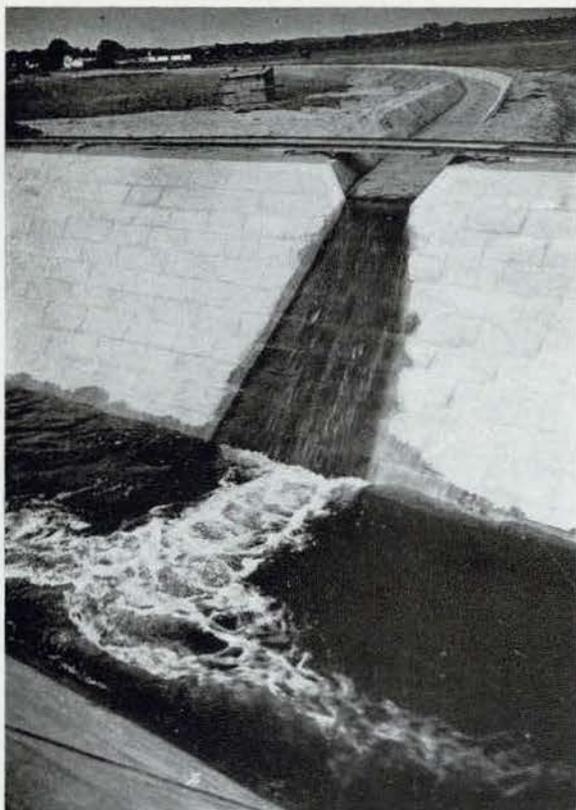
A política agrária e de povoamento dos nossos primeiros reis, completando o esfôrço das hostes, alargou e alicerçou fronteiras, dera vida e fôrça de destinos à grei.

Não conseguira, sempre, vencer o teimoso egoísmo dos grandes. Mas aumentara o património nacional, melhorando a condição do homem português.

A política nacional da Hidráulica Agrícola é hoje obra em marcha e obra realizada. Transfigura o aspecto da terra portuguesa. Enche de esperança a maioria das almas. Continua a obra de resgate dos nossos primeiros reis. Nas grandes planícies êrmas e adustas, nos paúis em que medram o bunho e o caniço, onde a maleita afugenta o homem e o pântano impossibilita a cultura, a terra povôa-se de vida, acorda para melhor destino. Ganha aspecto humano. Troam as explosões no desmonte da rocha, muda-se o curso dos rios, cavam-se alicerces, erguem-se diques monumentais. Perfuram-se de galerias os montes. Implanta-se no solo a rêde viva dos grandes condutores e dos canais.

Nas albufeiras mira-se a paìsagem e repoisa o céu, canta a água através da terra consolada, vão ressoar os dínamos potentes nas centrais de pé de barragem, doma-se a fúria devastadora das torrentes. A terra agrícola de Portugal cresce, para ser melhor regaço a um cada vez maior número dos seus filhos. Contra a terra madrasta, contra o clima e a meteorologia insuficientes, contra o egoísmo e a injustiça dos homens, a fôrça criadora dos políticos e dos técnicos trava a grande batalha necessária. *É necessário que nenhum considerando particular limite ou mutile a vitória essencial ao nosso futuro.*

*

A Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola, criada em 1930, terminou em 1935 a fase de adaptação e treino do seu pessoal. O Estado considerava a

rega magno problema de interêsse simultâneamente económico-social e militar. «Como nenhum outro, afirma o Senhor Doutor Oliveira Salazar, êle contribuirá para a valorização do património nacional». O Govêrno chama a si o primeiro lugar na tarefa grandiosa, assegura meios técnicos e materiais ao organismo criador que «deve realizar a obra da transformação agrícola e económica de Portugal».

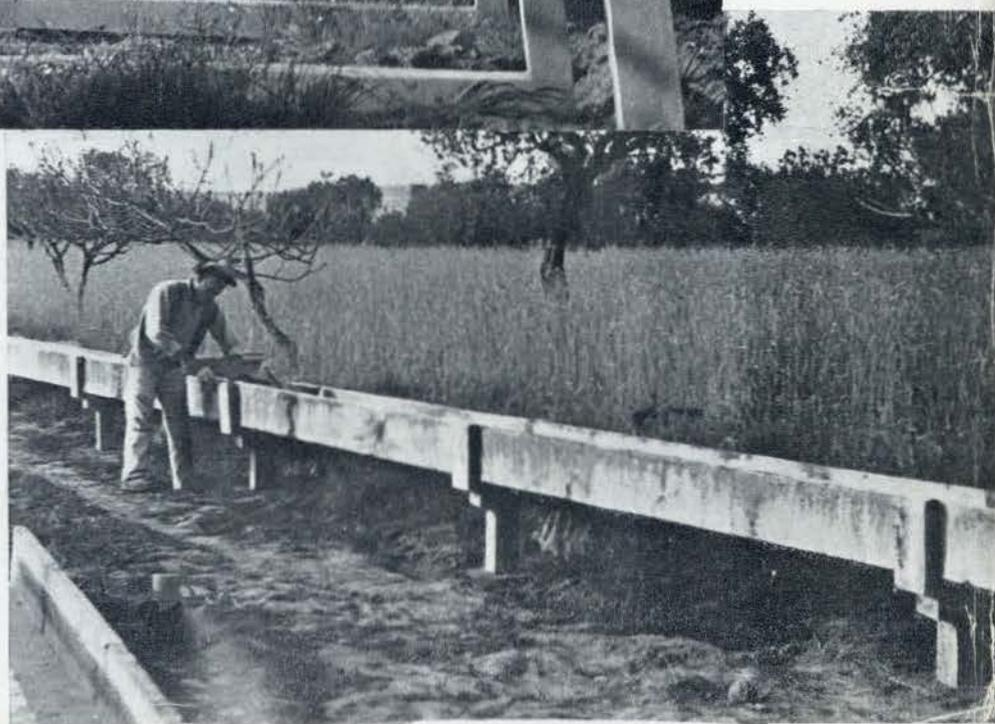
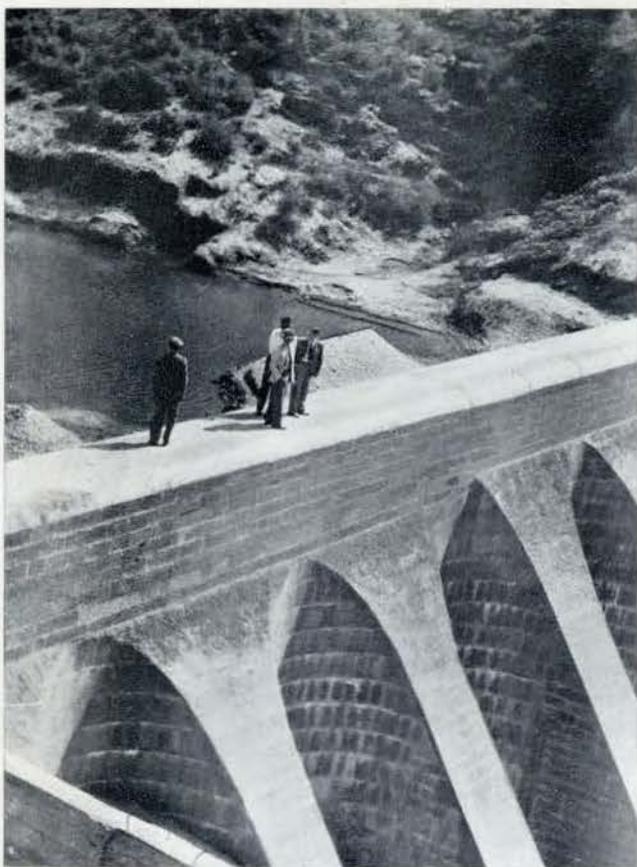
Em 1935 surge o primeiro plano de obras a realizar. Dos 3.352.000 hectares de superfície agrícola continental, 400.000 podiam, pela rega, defesa ou enxugo, transformar-se em terra semeada, povoada, fecunda. Prepara-se o beneficiamento de 80.000 hectares. Revêem, ultimam, aprovam-se projectos. Em Magos ergue-se a primeira barragem, enxuga-se, protege-se os campos contra as cheias, completa-se um esfôrço tentado e disperso ao longo de séculos. A exploração agrícola da terra beneficiada começa, ali, em 1938. O valor da terra do Paúl, pertencente à Companhia das Lezírias, sobe de 1.419 para 4.684 contos. Em Alvega, na margem esquerda do Tejo, a rega e a colmatagem beneficiam 483 hectares. Em Loures, conclui-se um programa que, há três séculos, era considerado urgente: a lezíria de Loures deixa de ser o alagadiço à mercê das cheias das suas ribeiras não regularizadas. A produção aumentará o lucro líquido da exploração de 43.500$00 para 65.156$00.

Na Cela, o abandonado paúl transforma-se. Em 440 hectares, mais de 300 passam do regime de alagamento ao de cultura. A produção por hectare, quando adaptada às novas condições, subirá de 366$47 a 3.423$00. O lucro líquido de 107$47 para 406$63.

Amplia-se a obra de rega nos ferazes campos de Burgães. No curso inferior do Sado dois grandes projectos visam, no seu arranjo final, a rega de 8.389 hectares. O primeiro cria uma albufeira na ribeira de Santa Catarina, Pego do Altar, armazenando cêrca de 80.000.000 de metros cúbicos de água. O segundo, pela barragem de Vale de Gaio no Xarrama, uma albufeira com cêrca de 55 milhões. Do primeiro começam as obras em Janeiro de 1937. E, pouco depois, as de Vale de Gaio. Obras gigantescas, de vulto inédito na tradição da Engenharia Nacional. Para conquistar ao inculto, ao alagado, ao

Vale do Sado. — Entrada de água da vala ocidental dos Algarvios

Magos. — Viveiros de arroz inundados para cultura

Permitindo a irrigação de grandes extensões de terra, facultando o desenvolvimento das culturas, as obras da Hidráulica Agrícola enriquecem o País, não só no ponto de vista económico, mas, também, paisagístico.

Pêgo do Altar. — Ensecadeira

árido, a terra necessária à maior produção e ao maior povoamento, a um Melhor-Portugal.

Mas não é tudo. Na campina desvalorizada e adusta, mal povoada, mal possuída, mal cultivada da Idanha, há atrazo social e miséria. Ali podem ser beneficiados 6.700 hectares. Aprovado o projecto em 1936, as obras da Idanha iniciam-se em Janeiro de 1937: — uma grande barragem no rio Ponsul; um vasto sistema de rega. Para os 1.200 hectares imediatamente beneficiáveis, calcula-se um aumento de 502 % para a produção. Onde hoje é planície adusta vai povoar e aparcelar-se a terra, correr a água, multiplicarem-se os canais.

O regime irregular do Mondego assola os campos de Coimbra. O rio é um dragão que tem de ser domado na sua própria caverna: — construir-se-ão barragens de regularização no Mondego, no Alva, no Ceira, no Dão, para rega de 18.000 hectares, a juzante de Coimbra, e 25.000 nos campos de Cantanhede e Mira. Em centrais de pé de barragem, como nas do Sado e na Idanha, gerar-se-á energia eléctrica para ser lançada em grandes blocos na rêde eléctrica nacional, facilitando a transformação económica do país e libertando-nos do tributo pago a estranhos pelo carvão que temos de importar.

Em Chaves, no Vale da Vilariça e no Sabor, no Sorraia, no Sado Superior (Campilhas), no Algarve, enfrentam-se, com o mesmo generoso e largo critério, outros aproveitamentos. Em plena actividade, a J. A. O. H. A. estuda, projecta, realiza e apresenta ao país realidades que, material e socialmente, enriquecem o património da Grei.

Prevê vinte aproveitamentos, para um orçamento de 1.120 mil contos o Plano Geral de Estudos e Obras, aprovado e louvado pela Câmara Corporativa, em 1937. Em 1941 estavam aprovados superiormente dez projectos. Nesta obra de resgate o objectivo social pode, por vezes, condicionar o económico. Erguem-se diante dela, como é da história, difíceis obstáculos que não estão na terra, nos elementos ou na técnica. Realizada com o dinheiro de tôda a nação, ela beneficia directamente regiões, firmas ou indivíduos. Mas estes podem encontrar dificuldades, (é da condição humana) para conciliar os seus interêsses com os do país. Oxalá a interpretação da lei concerte, sem atraiçoar os altos objectivos da emprêsa generosa, as aparentes ou transitórias divergências daqueles interêsses. Possam os chefes políticos responsáveis defendê-la, continuando-a, atendendo reclamações justas, fazendo com que, no esfôrço imposto ao particular para cooperar nesta grande batalha de redenção, se resolvam os desacôrdos, ou, em última luta, em nome do futuro, sejam sempre os interêsses particulares condicionados pelos supremos interêsses da Grei.

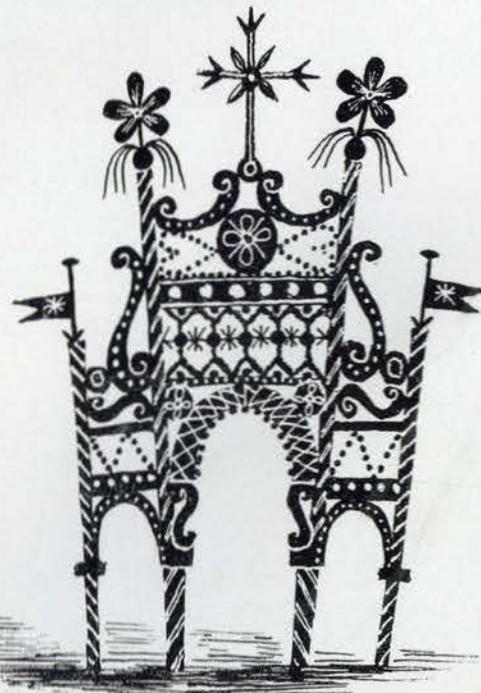
Alvega. — Tubos da Estação de Bombagem

Festas e Romarias

O tema é fértil de sugestões. Daria para muitas páginas de interpretação literária e encheria vários albuns de documentação etnográfica. Quem assiste, pela primeira vez, a uma romaria portuguesa, tem muito que contar. Viu tantas coisas coloridas, ouviu tantos ruídos alegres, observou tantos costumes curiosos, tomou contacto com uma vibração humana tão intensa, que regressou mais rico ao ponto de partida.

Mais rico não é excessivo — porque traz consigo uma medida mais exacta da alma do nosso povo, uma impressão de grandeza quási inverosímil e uma interrogação que pode levar o seu espírito a imprevistas profundidades. É isto: o povo expandiu-se, durante algumas horas ou alguns dias, em descantes, bailes, representações e algazarra; comeu e bebeu — principalmente bebeu — com desusada incontinência; nem sempre a integridade física de todos

os semelhantes saiu ilesa da folia; mesmo através da solenidade dos actos religiosos (a missa, o sermão, o cortejo processional) espalhou-se no ar mais alegria do que qualquer outro sentimento. E, então, pergunta-se: — porquê a impressão de seriedade que perdura em nós, depois de termos sido espectadores de tanta coisa que se diria o contrário disso mesmo?

Ora, essa seriedade não é inventada. Foi exactamente ali que ela se revelou, em plena e transparente pureza. Qualquer coisa nos diz que isto se fecha num mistério. E fecha-se. Porque, se ainda há mistérios à crua superfície do mundo que habitamos, um dèles — e dos maiores — é èste: a alma do povo. Existe, contudo, um conhecimento que levanta uma ponta do veu: o de que a fonte da poesia lírica nacional é a romaria. (Lang, Menendez y Pelayo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Rodrigues Lapa). Isto é: o que há em nós de mais profundamente característico, de mais nìtidamente diferenciado e, portanto, de mais sério, nasceu nessas peregrinações aos santuários, onde o povo ia — como ainda vai — rezar, levar «promessas» e penitenciar-se, mas, também, cantar, dançar e namorar nos terreiros das igrejas e das capelas.

O tema é fértil de sugestões, porque é, igualmente, poético, plástico, pitoresco e humano. Todos os géneros da arte popular se representam nas romarias. Erguem-se, coloridos, os arcos e os festões, nos largos e nas ruas; penduram-se junto das imagens os ex-votos de escultura; fazem-se ouvir os melhores cantores e tocadores, interpretando os mais puros especimes do cancioneiro; há «anjinhos» que são obras primas de fantasia e de graça, nos trajos, cabeleiras e adornos com que se exibem; o sol faz rebrilhar as joias das imagens e os bordados caprichosos dos estandartes; os romeiros ostentam, nos chapéus, nas lapelas e nas blusas, flores, espigas, filigranas e distintivos.

Não se pode, além disso, dizer que quem viu uma romaria viu tôdas, porque tôdas são diferentes, nos pormenores essenciais: nos costumes, nas superstições, nos trajos, nessa mesma riqueza artística e folclórica, regionalmente definida. A tradição popular tem um timbre próprio, inconfundível, que as nossas romarias reproduzem, sem deformação. E o carácter do povo reflecte-se, inteiro, nelas. O carácter e a alma, num paroxismo de expansão sentimental e lírica.

C. Q

Fábulas e Parábolas de Turismo

O Senhor Veraneante e o Hoteleiro do Rabecão

★ ★ ★

TINHAM-LHE dito que o melhor poiso daquela praia era o Hotel Mimoso. E o senhor veraneante foi logo direitinho ao Hotel Mimoso.

A praia tinha famas e andava nas preferências da gente da moda e boa roda. Trazia cartazes pelas esquinas — uma senhora de fato de banho — a dar um mergulho; barquinhos ao largo, e um dístico por baixo do nome geográfico: *a Primeira das praias, a melhor e a mais civilizada da Península — privilegiado centro de Turismo.*

E foi direitinho ao Hotel Mimoso.

No vestíbulo, espapado numa cadeira de palha tôda esbeiçada, estava a dormir um matulão bexigoso e de barba de três dias. E de dentro, de algures, vinha — único rumor daquela casa, naquela hora de sesta — «zum-zum», «zum-zum»! o som desafinado e sangarelhado dum arco arranhando um instrumento de corda, violoncelo ou coisa que o valesse.

À sacudidela do senhor veraneante o matulão pôz-se de pé. E, mal encarado e rabujento, quiz saber ao que vinha. Por quarto, e preço de pensão completa, por mês inteiro — lhe contestou.

Nem deu pio, bocejando, o bexigoso. E — truque-truque — meteu por um corredor adiante, com o senhor veraneante, de maleta na mão, atrás dêle. E chegou, em frente de uma porta, que tinha o número 31, e abriu essa porta e só então disse:

— É só o que temos, por agora. Mas é dos melhores quartos da casa. Com pensão completa fora os extraordinários, 10 % para o pessoal e o imposto de turismo — cem escudos por dia!

O senhor veraneante deitou uns olhos pelo aposento, para baixo e para cima, para cá e para lá, para a direita e para a canhota. Continuava por algures o «zum-zum» rouquejado do instrumento de corda.

A casa do Hotel Mimoso era nova. Exteriormente inexpressiva. Quadrada e bicuda ao mesmo tempo. Feita sem planta nenhuma. Tanto podia servir para um hotel como para um quartel — o quartel da Guarda Republicana, sargento e dez praças que vinham fazer serviço, todos os verões, naquela praia da moda.

Mas sendo nova, era pior do que se fôsse velha. Porque o senhor veraneante viu as paredes do quarto já rachadas, com manchas de humidade nos cantos, manchas suspeitas e sangrentas nos muros, perto da cama. E a cama torta, punha sustos de tão escura e misteriosa que se mostrava. Um lavatório de ferro ao canto, parecia tísico, tal sua lívida côr e estreiteza da bacia de barro e do jarro.

— Casa de banho? Tem?...

O da barba crescida mirou-o, como quem mira um fenómeno.

— Vossa 'Soria não vem para banhos de mar? Murmurou.

Mas sempre foi ao fim do corredor abrir outra porta, onde havia uma sentina e uma tina — que se não sabia qual a mais suja.

E o «zum-zum» do arco mal resinado em corda de tripa, continuava lá para os interiores da casa, com a mesma insistência — «zum-zum»! «zum-zum»!

Quiz ver ainda a sala de mesa, o senhor veraneante, que o mal encarado foi também abrir e estava coalhada de môscas. E tinha toalhas aos quadradinhos azues e brancos, muito enxovalhada de nódoas de vinho e azeite.

O senhor veraneante pensou logo num provérbio que tinha lido na «Cartilha da hospedagem portuguesa», feita pelo S. P. N.

Pelo enxovalho da mesa, a gente logo adivinha como há-de ser a cosinha

E apenas disse:

— Com que então cem escudos, por dia? Não?...

— Saiba Vossa'Soria que sim. Fóra os extraordinários, os 10 % para o pessoal e o imposto de turismo...

«Zum-zum», «zum-zum», lá estava o diabo do tocador na sua. — E isto que se ouve? o que é?

Sorriu, pela primeira vez, o porteiro-cicerone, e explicou:

— É o patrão cá do Hotel, o senhor Mimoso, que nas horas de descanso, toca rabecão.

— Está bem. — Vou dar uma volta pela praia e pensar, observou o senhor veraneante.

E de maleta na mão, saiu pela porta fóra, ainda ouvindo «zum-zum» e o bexigoso, a recomendar:

— É o único livre. Logo à noite, provàvelmente, só no anexo.

O anexo devia ser uma possilga que se estadeava na frente.

— Hotel Mimoso! pensou.

E rematou:

— Hotel Horroroso.

E foi-se embora no primeiro combóio, sem olhar para trás, sem ver a praia da moda, que se abria em concha suave, com barquinhos na enseada azul e cartaz com uma dama a forjar um mergulho... Princesa das Praias... Centro privilegiado de turismo.

«Zum-zum» de vagas! «Zum-zum» do Mimoso, hoteleiro contra-baixista.

E sem querer, já de volta a Lisboa, veio-lhe à mente outro provérbio, êsse muito conhecido, e desde então por si desta sorte parafraseado:

«Mas quem te manda a ti, hoteleiro,
tocar rabecão?
E se lhe não sabes pôr a mão.»

AUGUSTO PINTO

Foi Leitão de Barros quem descobriu, como realizador cinematográfico, a fotogenia do povo português. Em *Ala-Arriba*, que brevemente se estreará, mantém-se — como se vê na fotografia da esquerda — essa feliz característica de todos os seus filmes

O POVO NO CINEMA PORTUGUÊS

A cêna da gravura da direita é dos *Lobos da Serra*, outro filme português que será apresentado na próxima época. O seu realizador é Jorge Brum do Canto, que na *Canção da Terra* e no *João Ratão* também soube tirar inteligente partido dos tipos e dos costumes populares

O GRUPO DO LEÃO

POR DIOGO DE MACEDO

O famoso quadro de Columbano representando o grupo do restaurante «Leão d'Ouro»

Estudo. — *Óleo de António Ramalho*

No final de contas o célebre *Grupo do Leão* não era tão numeroso como se dizia. Columbano pintou-o com muitos pintores, mas por esta «Exposição do Grupo do Leão» vê-se que para completar meia dúzia tivemos de aceitar um caricaturista. É certo que havia outros pintores naquele tempo que não faziam parte do Grupo do Leão. Mas que mais não houvera, meia dúzia de pintores numa geração, num país inteiro como o nosso, e do valor desta meia dúzia, é fortuna rara, preciosíssima, que poucas gerações e poucos países como o nosso se podem gabar de possuir. Êste grupo e o dos *Vencidos* têm dado muito que pensar às gerações posteriores. Que pensar e que aprender! Um Columbano! Um Silva Pôrto! Um António Ramalho! Um Malhôa! Um João Vaz! e à parte, um Rafael Bordalo! (Que pena não podermos citar mais uns nomes autênticos e irmãos dêstes, só por não terem sido do Leão, embora três leões como êles! Ficam-nos debaixo da língua... ficam-nos na consciência!). Mestres como todos foram! E ainda melhor: camaradas como todos foram! Pela raridade Portugal tem de que se orgulhar e... pasmado. É certo que Portugal já há muitos séculos tem tido dêstes milagres, não só em pintura — como no século XVI —, mas noutros campos. É verdade que Portugal, por fôrça de hábito, já não pasma por tanto. Mas nós, os portugueses de hoje, é que intencionalmente esquecemos a História e pasmamos, porque nos dá alegria e espanto, nos estimula o assombro, e do deslumbramento à surprêsa só temos um passo a dar: merecê-los. A admiração é uma devoção dos fortes. Êste culto, felizmente, nesta Exposição, até deu com os fracos em fanáticos.

É notável, neste rancho de personalidades distintas, onde todos são apenas mestres de si próprios, a tentativa aqui ou além — mas em todos — de experimentar os segredos dos camaradas. Tão amigos foram, tanto tinham a devoção que acima cito, que — dir-se-á — procuravam deixar-se influenciar uns pelos outros. Tão fortes eram, porém, e tão irmãos na comunidade, que dos ensaios não conseguiram senão maior independência, mais distinta personalidade. Os casos estão ali à vista, e os resultados ainda mais. Noutra terra, depois da experiência e do seu fatal regresso à individualidade, teriam todos negado o grupo, combatido o grupo, desfeito o Grupo do Leão. A fé e o ideal de in-

Silva Pôrto. — *Vacas*

João Vaz. — *Piteiras*

Malhôa. — *Os pretos de São Jorge*

Praia (Setúbal). — *Óleo de Silva Pôrto, que foi um dos melhores intérpretes da paisagem portuguesa e o orientador do «Grupo do Leão»*

compreendidos, depois de reconhecidas entre êles as desigualdades na arte — não diferenças de méritos — uniu-os mais, compreenderam-se melhor. E essa compreensão mútua, digamos em relação ao ideal comum do grupo, auto-compreensão, levou os estranhos a respeitá-los, a atender na sua obra de novidade e a compreendê-los por fim. Dêste modo, de inovadores, de revolucionários, de perseguidos até, tornaram-se educadores, profetas, admirados. O cenáculo do Leão passou a ser venerado, como se a cervejaria fôsse um templo. E logo as imagens apareceram pintadas nas paredes.

Esta história — história de arte, pelo menos, senão um pouco da história de Portugal — já está bem contada por quem a soube contar bem. A história das «Exposições do Grupo do Leão» está lá dentro inteira. A dos pintores, individualmente, independentemente, tem a pouco e pouco sido contada pelos críticos da especialidade. Dêstes quadros todos, mesmo dos quadros daquêles outros pintores que estão no quadro de Columbano, é que tanto e tanto havia a contar, que cremos preferível, por serem imparcialmente verdadeiras as suas afirmações, deixar as fotografias destas páginas falar à vontade.

Columbano. — *Retrato da Sr.ª Viscondessa de Sacavém*

Columbano, Silva Pôrto, António Ramalho, Malhôa, João Vaz e, à-parte, Rafael Bordalo, e depois Cristino, Henrique Pinto, Girão, Rodrigues Vieira, Cipriano Martins... O Grupo do Leão ...Os artistas modernos nos fins do século passado!... Mas Portugal, pelos vistos, tanto pode estar situado no fim da Europa como no seu comêço. Se destas praias a Europa partiu para além, foi também por elas que o Além entrou na Europa. Bem feitas as contas, Portugal deixou de ser uma margem, para ser um centro. Não admira, portanto, que os pintores do Grupo do Leão, quando findava o século dos Realistas, dos Intimistas, dos Impressionistas, fôsse, como se constata, um grupo de *pintores modernos*, isto é, da vanguarda, inteiramente do seu tempo.

E ainda há quem, por especulação literária, desdenhe daqueles elegantes, agitados e sensíveis tempos dos finais do século XIX!

Cruzeiro de Marvão

Portugal, Terra de Cruzeiros

PELO P.E MOREIRA DAS NEVES

PORTUGAL *foi sempre cristão.* Esta legenda, que tão rigorosamente sintetizou o pensamento ordenador da Exposição do Mundo Português em 1940, define tôda a nossa actividade nacional ao longo de oito séculos de história e glória. Para a ilustrar, se não tivéssemos, por graça de Deus e obra do nosso esfôrço, tantas coisas heróicas e inconfundíveis no seu simbolismo, bastar-nos-iam os Cruzeiros que abençoam, de lado a lado, as terras do Império.

Marcos de mármore, são, na própria desolação dos caminhos desertos ou no silêncio incontaminado das montanhas, o testemunho da nossa fé, que nenhuma derrota quebrantou, por mais funda que tenha sido, alguma vez, a angústia das nossas horas.

A cruz, na iconografia cristã, vem dos tempos mais remotos, embora, até o século IV, outros fôssem os emblemas preferidos pela comunidade religiosa. Portugal, que surgiu entre espadas, logo entregou à Cruz o seu destino mais puro. E nunca mais deixaram de olhá-la seus olhos ansiosos de altura e desbravadores de enigmas, para além das ondas distantes. Ourique não é, apenas, uma vitória guerreira. Será também uma afirmação vibrante de presença sobrenatural, mesmo que seja, exclusivamente, da tradição o milagre que se conta...

Daí, de-certo, o princípio do nosso hábito devoto de levantar cruzeiros onde queremos que fique para o futuro a lembrança de um gesto ou de uma alma.

O próprio nome de Cruzeiro é dado, como num baptismo de ritual, a inúmeros lugares, aldeias, caminhos, largos, ruas, quintas, casas, campos.

Como padrão de fé, encontramo-lo por tôda a parte a assinalar a piedade popular. Quási sempre humilde, feito por canteiros sem escola, inspira respeito e ternura. À sua sombra passaram gerações de crentes, em procis-

Marvão: Pórtico e Cruzeiro do Convento de Nossa Senhora da Estrêla. — Cruz de Côxe. — Castelo Branco

sões de penitência ou de aleluia. E os seus braços, cobertos de musgo ou de roseiras, abrindo-se no ar como os braços dos monges orantes, prègam sempre a mesma doutrina, a mesma verdade e a mesma paz. À roda do Cruzeiro se juntam crianças nas tardes de novena e param, na sua frente, os mortos quando vão a enterrar mais além.

Há sítios de tragédia, onde o povo ergueu um Cruzeiro para suavizar, com o sinal do perdão, as vinganças do sangue... Como padrão histórico, recorda episódios de bravura ou momentos infelizes para a Pátria. Num e noutro caso, valem como documento. São de carácter histórico: a *Cruz Nova,* de Serpa, atribuída a D. Dinis, que substituíu uma cruz de madeira mandada colocar por D. Afonso II; o *Cruzeiro de Garlindo,* perto de Ouguela, evocador de um recontro de João da Silva, camareiro-mor de D. Afonso V, com o castelhano João Fernandez Garlindo, Mestre de Alcântara; os Cruzeiros do *Padrão* e do *Padrão de D. João I,* comemorativos, respectivamente, da batalha do Salado e da passagem do Rei por Guimarães, depois da Tomada de Ceuta; a *Cruz da Picada,* em Évora; a *Cruz de Portugal,* em Silves; o padrão de Diogo Cão, na embocadura do Rio Zaire; o Cruzeiro de Pôrto-Seguro, etc.

Em velhos desenhos, plantas de cidades e azulejos, é fácil ver Cruzeiros, principalmente nos pontos mais elevados.

Sem possuirmos exemplares grandiosos, como certos calvários da Bretanha, em que abundam as figuras da Paixão de Cristo, temos, no entanto, numerosos cruzeiros artísticos, alguns dos quais são verdadeiras jóias de pedra em estilo gótico, românico, manuelino e barrôco.

Pela sua antiguidade ou pela sua arte, são considerados monumentos nacionais os Cruzeiros: de S. João do Campo, em Amares; dos Campos das Hortas e de San-

São Pedro do Ó

Gondarém: Ilhotas do Rio Minho (Tomada do Bom Jesus). — Guimarães: Cruzeiro perto da Igreja da Oliveirinha. — Águeda: Cruzeiro

tana (Braga); de Tibães, perto de Braga; de Nossa Senhora da Guia e Padrão de D. João I (Guimarães); Cruzeiro de Vila-Viçosa (interessante pela serpente que tem na parte mais alta); da Misericórdia (Loulé); Cruz de Portugal (Silves); Cruz de Pedro Jacques (Figueira de Castelo Rodrigo); Cruzeiro de Arroios; Cruzeiro das Laranjeiras (Lisboa); Cruzeiro de Loures; Cruzeiro de Cabeço de Vide (Alter do Chão); Cruzeiro da Estrêla (Marvão); Cruzeiro de S. Bernardo (Portalegre); Cruzeiro de Leça do Balio (Matozinhos); Cruzeiro de Valongo; do Cartaxo; Cruzeiro de Setúbal; Cruz das Vendas (dentro de uma capela, perto de Azeitão); Cruzeiro de S. Gregório e o de S. Julião, em Melgaço.

Há cruzeiros curiosíssimos, pela maneira como se aproveitaram e adaptaram algumas colunas pagãs, marcos miliários, pelourinhos e pedras de fôrca; pelas imagens, de encantadora rusticidade; pelas legendas ou lendas que lhes andam ligadas. Mais ou menos abandonados, os Cruzeiros portugueses têm tido horas de carinho e, também, de perseguição.

No século XVI, o pintor Francisco de Holanda, contemporâneo e amigo de Miguel Ângelo, escrevia uma carta a D. Sebastião, a pedir que se substituissem por cruzes de pedra as cruzes de madeira que havia em Lisboa e nos arredores, como já, aliás, se tinha feito na cidade de Évora.

Em 1904,, empreendeu Sousa Viterbo nova campanha, em notável série de artigos publicados no *Diário de Notícias*, transcritos no *Boletim* da Real Associação de Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses e dados à estampa, depois, em separata. O distinto etnólogo Luiz Chaves renovou essa campanha em 1932, recolhendo elementos históricos e literários para um trabalho que bem merecia ser desenvolvido.

As festas comemorativas do VIII Centenário da Fundação e III da Restauração de Portugal, em 1940, foram

Cruzeiro novo em Vila Viçosa

ensejo magnífico para que, através do país inteiro, se reparassem antigos cruzeiros abandonados à acção do tempo ou partidos pelo ódio sectário do liberalismo e da república demagógica de 1910.

O *Cruzeiro da Independência*, cuja iniciativa lançámos, ao microfone da Emissora Nacional, acendeu na alma do povo a chama do melhor patriotismo. Foram muitas as centenas de Cruzeiros novos que se ergueram nas cidades, vilas e aldeias, com o auxílio das câmaras municipais, ou por simples esfôrço de particulares. Fizeram-se autênticas jornadas apoteóticas, de sentido profundamente cristão e lusíada. Colocou-se uma cruz de ferro, reprodução da chamada *Cruz de D. Sancho*, no ponto mais alto da Serra da Estrêla. A Mocidade Portuguesa Feminina mandou construir um cruzeiro monumental no Cabo da Roca, o sítio mais ocidental da Europa, a 130 metros de altura sôbre o Atlântico. Pode dizer-se que nenhuma terra do Império deixou de cantar as glórias e evocar as tragédias do Passado, ajoelhando, religiosamente, aos pés da Cruz que, se marca os nossos passos heróicos em todo o mundo, como sêlo que é do universalismo de Portugal, também aponta, em relação ao Futuro, os grandes caminhos espirituais da nossa Fé. A Cruz continua, assim, a afirmar, através das idades, a fidelidade do nosso génio civilizador aos princípios eternos do Evangelho, por que sempre regulámos, com audácia de paladinos invencíveis, o assombroso apostolado de oito séculos de história.

Lisboa: Cruzeiro de Arroios (1936)

Cruzeiro no Marão, sôbre o Vale de Campeã (1869)

Os Cruzeiros põem sempre, à sua roda, uma nota de pureza e claridade. O turismo nacional não pode esquecê-los, porque todos êles são apelos à vida, mesmo quando recordam a Morte, nos outeiros sem sombra ou ao lado das nossas estradas.

Chateaubriand considerava diminuída a paisagem da França, se lhe faltassem os campanários. Diminuída ficaria, na sua graça de horto rescendente, a terra de Portugal, se acaso lhe arrancassem os Cruzeiros que a assinalam.

Os Cruzeiros são artigos de Credo e gritos da Pátria traduzidos em pedra. Parece que têm raízes e seivas, como as árvores.

Há Cruzeiros a que apetece confessar as angústias mais íntimas.

Ninguém se interessa por morrer abraçado a um plinto de mármore pagão. A História registaria o nome daquele que se deixasse matar em defesa de um Cruzeiro.

No mais alto lugar de Portugal ergue-se um dos mais novos cruzeiros.

(Foto António Lopes)

Miradouro e vista aérea do estuário do Mondego

FIGUEIRA DA FOZ

UMA PRAIA EXCELENTE E UM EXEMPLO DE PROGRESSO URBANO

EXISTE um documento dos fins do século XI que prova a existência duma povoação situada onde actualmente se encontra a Figueira da Foz. Dois séculos depois já essa povoação era conhecida pelo nome que ainda hoje conserva.

Depois, durante as invasões francesas e, mais tarde, quando das lutas constitucionais, foi teatro de feitos notáveis. No século XVIII, como conseqüência do grande incremento da indústria de construções navais — nos estaleiros das duas margens do rio — e do movimento do pôrto, a Figueira atingiu o apogeu do seu progresso material. Em 1771 ascendeu à categoria de vila e, em 1882, à de cidade.

A Figueira da Foz tem, portanto, um longo passado histórico. Mas, quantas outras terras não podem, tanto e mais do que ela, orgulhar-se dos seus *pergaminhos?* Logo, se isto não é o menos, também não se pode dizer que seja o mais importante.

O mais importante, de facto, é que o bairrismo dos seus naturais (bairrismo positivo, activo, exemplar) soube manter a continuïdade da sua evolução, promovendo — através de iniciativas particulares ou com o auxílio do Estado — uma série inumerável de melhoramentos públicos: amplas praças e largos ajardinados; a rectificação da praia; uma longa e pitoresca esplanada marginal; novos arruamentos e construções modernas, como um bairro para vilegiatura e casinhas para pescadores; hotéis confortáveis e casinos (o *Peninsular*, o *Mondego*, o *Europa*, o *Oceano*); campos de jogos e, mais recentemente, um Parque Infantil, obra destinada às crianças pobres da Figueira e de Buarcos, que veio completar a fisionomia urbana da cidade, de recorte acentuadamente civilizado.

Aspectos do farol, esplanada e praia de banhos

Assim, do século XIX até aos nossos dias e, principalmente, nos últimos 60 anos, os figueirenses têm sido incansáveis em demonstrar que são dignos da situação privilegiada que a sua terra ocupa, do clima excelente e das belezas naturais que possui — e da justa fama que adquiriu, como centro turístico de intensa e animada freqüência cosmopolita.

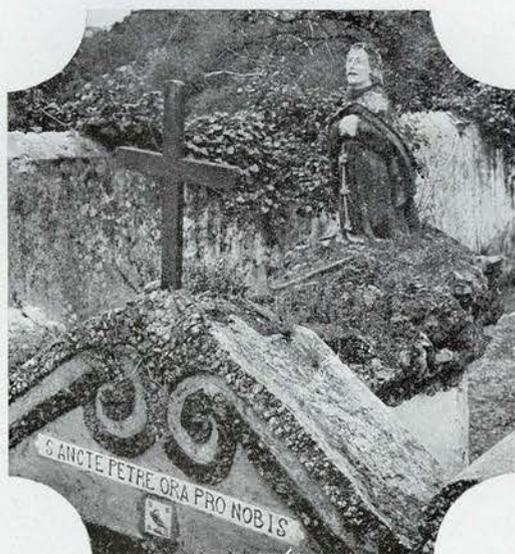
FOTO MÁRIO NOVAES

Vários escritores estrangeiros que nos têm visitado assinalam e exaltam, como interessante característica dos nossos jardins — a par de uma naturalidade *preferível à rigidez geométrica da maioria dos jardins europeus — uma feliz aplicação da estatuária ornamental. Compreendendo a vantagem de se manter e cultivar esta tradição, a Câmara Municipal de Lisboa tem encomendado trabalhos a artistas modernos, como esta bela figura decorativa do escultor Barata Feio, que foi recentemente colocada no Jardim Afonso de Albuquerque, em Belém*

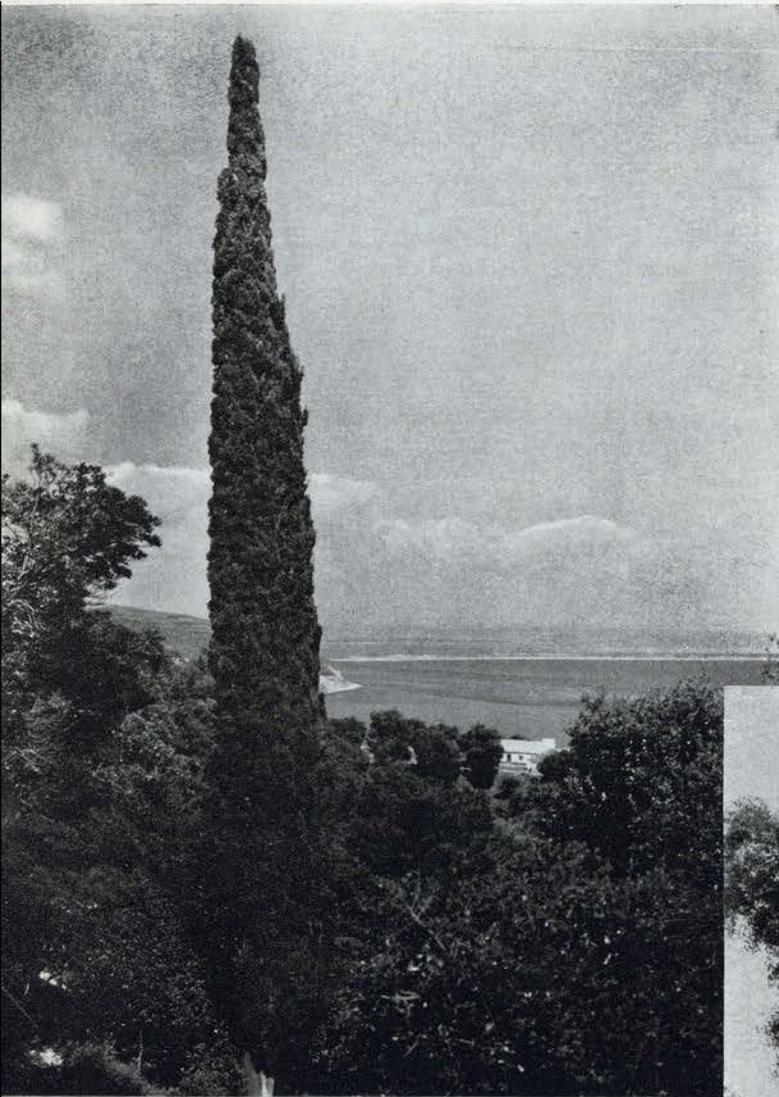
A água salgada e o sol do litoral português são os melhores do mundo porque têm mistério . . . e ninguem pode convencer-me do contrário, por mais lógicos e científicos que sejam os argumentos de que se sirvam raras pessoas, evidentemente mal intencionadas ou vítimas da mania da contradição e, portanto, capazes de dizerem que o branco é preto, quando a gente está mesmo a ver que é branco. Eu não precisava de ser português, intransigente no que diz respeito à apreciação exaltada e até descaradamente bairrista das belezas e condições naturais da minha terra, da minha água e do meu sol, para fazer esta afirmação tão convicta e categórica. Tive já oportunidade de conhecer banhistas de tôdas as praias de todos os litorais que me disseram, em côro, como nas antigas tragédias gregas, e sem consideração pelos seus patriotismos pessoais, que o sol e o mar portugueses são os mais convidativos, os mais salutares e os mais nossos amigos. Portugal devia fazer publicidade ao mar e ao sol maravilhosos que Deus lhe deu, como se reclamasse latas de sardinhas, ou vinho, ou azeite, ou cortiça, produtos que, pela mesma razão misteriosa, nascem em terras portuguesas, como quem não quere a coisa, e são também, indiscutivelmente, os melhores do mundo. Portugueses: "aprendam" o sol e o mar de Portugal, como se aprendessem a ler . . .

OLAVO D'EÇA LEAL

FOTOS MANFREDO

ARRÁBIDA *introdução a um passeio a pé*

Muito mais do que a Serra de Sintra, a da Arrábida é familiar ao habitante de Lisboa. O seu dorso maciço vê-se de todos os sítios por onde a vista enfia para a Outra Banda. Depois das colinas amareladas de Cacilhas à Trafaria, passada a largueza do estuário com seus braços, ergue-se, a fechar o horizonte, uma sucessão de cêrros, de Palmela a Sezimbra. Em dias muito claros, dos pontos altos, divisam-se os castelos destas duas vilas e nas encostas dos montes sobressaiem formas e côres esbatidas. O mais vulgar, porém, é avistar-se apenas a silhueta pesada e regular da cordilheira.

De tanto se habituar a vê-la de longe, o lisboeta perdeu a curiosidade de a conhecer de perto. Enquanto Sintra é lugar obrigatório de passeio e de veraneio, a Arrábida só há poucos anos começou a ser visitada pelos que divagam nos arredores de Lisboa.

Não vamos acender disputa entre duas serras maravilhosas. Se para alguns lugares esta palavra quási trivial se devesse reservar, era, por certo, para estes. Relêvo, mar, arvoredo, céu, tudo aqui se ajunta em proporções tão

dores de Lisboa é a intensa impressão de beleza que provocam a quem as contemple. Mas ainda nisto se não devem confundir. Sintra é um dom da Natureza que o homem soube valorizar — porque, se êle tantas vezes estraga, também algumas aproveita. A Arrábida é um matagal de flores agrestes e perfumadas que seria pena ver transformado em canteiros de jardim.

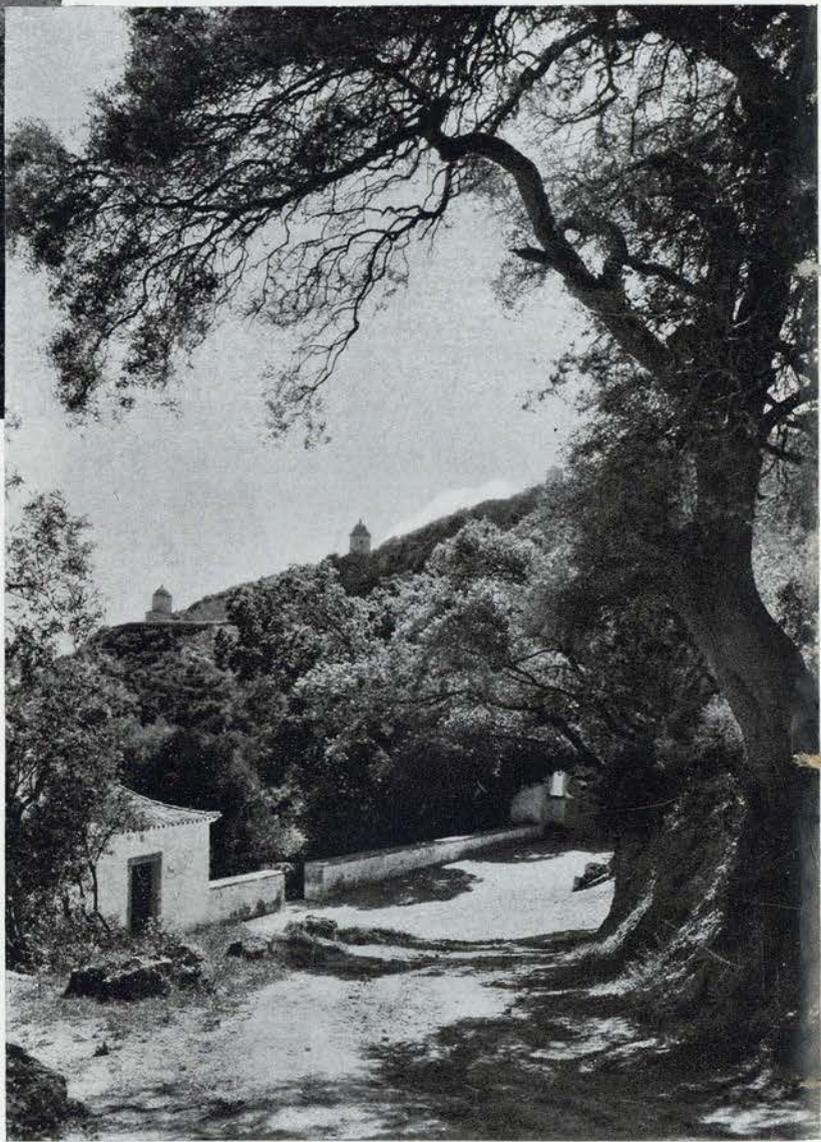
A Arrábida tem agora uma rede de estradas que permite percorrer os seus sítios essenciais. Eu, que há alguns anos a calcorreei em todos os sentidos, fui talvez o seu último descobridor. Sucedeu-me andar muitas horas por veredas tortuosas, único vestígio humano entre estevais sem fim. Há na vertente norte da serra barrancos fundos e íngremes, tão bravios de penhascos e matagal, tão arredados de qualquer estrada ou caminho, que se tem aí a impressão de pisar terreno virgem de presença humana. Algum raro casal muito rústico, com duas leivas à roda revolvidas, onde nos ladram cãis e as crianças fogem, se avistam gente estranha, não quebram êste sentimento de solidão, que a sombra espessa dos bosques, adormecidos numa penumbra esverdeada, torna quási pungente.

Um aspecto imprevisto

A caminho do Convento — Fotos Mário Novaes

justas e bem calculadas que os elementos da paisagem parecem resultar de uma voluntária e inteligente criação de beleza. Verdadeiras serranias pela dignidade de pendores e de rochedos, não há nestes relêvos obstáculos que se não possam vencer em poucas horas e sem grande fadiga: quási se poderia dizer, num paradoxo só aparente — montanhas grandes em escala reduzida.

Porém, a-pesar-de próximas, cada serra possui personalidade distinta. Quem as visitasse sem reparar que do cimo de uma se avista a outra, julgaria que estavam separadas por distância muito maior. Sintra, com granitos musgosos, valeiros húmidos e grandes arvoredos de troncos e copas altas, é uma serra do Norte. A Arrábida, em grande parte escalvada, com o dorso calcáreo a ressequir ao sol ardente, mal coberta de um bosque de arbustos que aí tomam o porte de árvores, banhada em luz duma pureza que a bruma raro embacia, abriga à sua sombra um pedaço de oceano que mais parece mar interior, tão serenas, límpidas e luminosas são as suas águas. Tudo isto evoca o Mediterrâneo ou, se quiserem, a sua última terra ocidental: o Algarve.

Assim, o que mais aproxima as duas serras dos arre-

Pátio interior do Convento (edificado em 1542 pelo primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre), donde se avista um trecho de paisagem em que dominam os laranjais e, longe, a imensa vastidão do Atlântico.

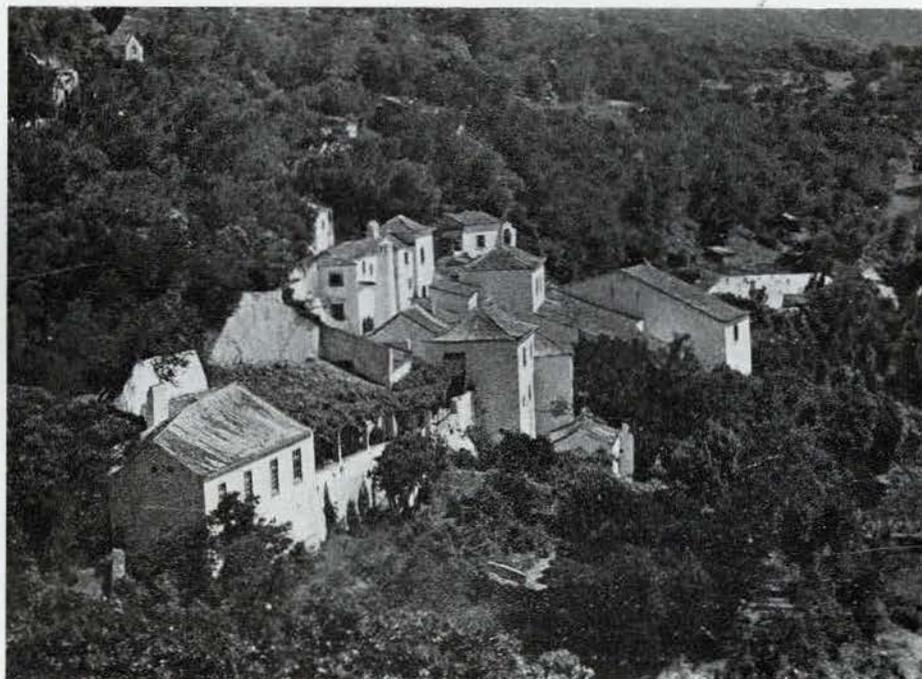
Então, o mar, azul e sereno, aparecia do cimo da lomba ou da clareira do bosque e os olhos pousavam nêle, deslumbrados e agradecidos. Mas para lá chegar era ainda por atalhos ínvios e pedregosos, quando não a corta-mato ou por entre espêsso arvoredo, que se descia, metade andando, metade escorregando.

Hoje, com a estrada, dispensam-se trabalhos e canseiras, mas alguma coisa se perdeu do místico recolhimento destas encostas, onde os desiludidos do mundo determinaram fazer um «deserto» e fundar, no século XVI, uma ordem nova, «espelho de penitentes».

Uma volta de automóvel permite fazer idéia da serra. Mas, para quem deseje penetrar mais no seu âmago, nada melhor se pode recomendar do que um passeio a pé. Basta um dia para isso. Ao cabo dêle, se o excursionista tem pouco treino, sentirá um cansaço salutar. Mas a impressão da paisagem, quási irreal numa atmosfera estranhamente diáfana e luminosa, não mais se apagará do seu espírito e voltará, de vez em quando, como um apêlo. De Cacilhas sai uma caminheta para Setúbal. Tome-a o excursionista até Azeitão, quanto mais cedo melhor. Aí, apeie-se e tenha confiança nas pernas. Sobe-se, por azinhagas entre vinhas, ao alto da Madalena, donde a vista abrange o primeiro panorama deslumbrante.

Desde os cêrros de Azeitão e do Anjo até ao monte do Formosinho (500 m.), o pico culminante da Arrábida, a paisa-

As belas ruínas do Convento alvejam no negrume da vegetação. «A paz, o silêncio, a húmida frieza que se exala dêsses muros brancos, a solidão enorme, o abandono, fazem esquecer o mundo». — (Raúl Proença).

Fotos Manfredo

gem é um rico esmalte policrómico a brilhar ao sol. O vale do Picheleiro, cultivado de vinha, árvores de fruto e cereais, as encostas, ora desnudadas, ora vestidas de denso mato, desde o cinzento e amarelo sujo até ao vermelho sangüíneo dos terrenos, desde o verdinho dos trigais até ao negrume dos pinheiros e o prateado das fôlhas de oliveira, tudo se combina de mil maneiras, consoante as horas do dia.

O vale atravessa-se sem dificuldade, por caminhos velhos onde se cruzam campónios e burricos. Depois, deve procurar-se uma vereda a subir: a mais conveniente passa junto dos casais do José dos Picos e do Cândido, últimos marcos da ocupação humana permanente, lado a lado já com a vegetação bravia da serra. Então o caminho embrenha-se entre matagais, cada vez mais espessos, de enormes medronheiros, até se abrigar nas sombras densas da mata do Vidal, por onde se sobe ao viso da serra.

A impressão que se colhe ao galgá-la por êste lado, compensa bem alguma fadiga que o caminho provoque. Primeiro, no vale, a vida rústica, com sua simplicidade calmante; depois, na serra, uma hora de completo alheamento do mundo, entre sombras perfumadas.

«Alta serra deserta, donde vejo
As águas do Oceano duma banda,
E doutra, já salgadas, as do Tejo».

Para Norte, avista-se Lisboa, o Tejo, o enorme pinhal desde Alfeite a Azeitão, tudo levemente esfumado numa bruma ainda Atlântica. Para Sul, é outro mundo: calcáreos brancos e árvores muito verdes e em baixo o oceano que, abrigado pela serra, se transforma em Mediterrâneo sereno e luminoso. Uma franja de águas tão límpidas, que se vêem areias e vegetação do fundo, logo passa a um verde intenso e transparente, como se fôsse iluminado por dentro; depois, sem transição, até ao horizonte, estende-se a mancha de azul carregado e espêsso.

É com isto debaixo dos olhos que se desce, por S. João do Deserto, até ao Convento. Então — coisas que ainda acontecem... — quem quiser visitar o humilde abrigo da comunidade, fica a saber que teria de pedir licença em certo palácio de Lisboa! A lembrança de Frei Agostinho da Cruz, poeta da Arrábida, fica por traz dêstes muros cerrados. Paciência. Desçamos pelos

«Verdes bosques da Serra,
Por entre penedias,
Por mãos da natureza repartidos»,

que só êle soube cantar, até à enseada do Portinho. Aí, no verão, há banhistas frívolos de ambos os sexos, e uma caminheta que é uma tentação para as nossas pernas fatigadas. De resto, a volta pela estrada que torneia a serra por El-Carmen, aliás muito bela, é incómoda: passam por nós muitos automóveis que fazem poeira e barulho.

Afinal, que importa? Foi um dia passado entre trigais e vinhas, por encostas bravias e ensombradas, com o mar diante de nós. Passivamente, insensìvelmente, alguma coisa de irreal e luminoso nos penetrou. A volta faz-se de qualquer maneira, num alheamento absoluto do que nos rodeia. É esta a lição da serra.

Coimbra, 11-8-941.

ORLANDO RIBEIRO

Aqui, faça alto, descance e contemple... — Foto Carlos Ribeiro

C A M P A N H A   D O   B O M   G Ô S T O

O bom gôsto é uma arte,
Não significa "mais caro".
Pode estar em qualquer parte.
O que é pena, é ser tão raro.

Mesa de comando do Emissor Regional do Norte. Projecto e execução dos Serviços Técnicos da Emissora Nacional. — Trecho de uma sala do Instituto do Cancro.

Até nos domínios da Técnica o bom gôsto se impõe. Basta olhar para a evolução dos motores dos carros — já para não dizermos que basta olhar para a evolução das suas linhas exteriores, onde é mais evidente e compreensível a preocupação estética dos fabricantes. Até nos motores; e nos aparelhos de telefonia, por dentro; e nos instrumentos de precisão. A experiência ensina aos cientistas, aos engenheiros, aos arquitectos, aos construtores, que as soluções mais certas — artística e cientìficamente certas — são sempre as mais simples, as mais elegantes, as mais bonitas.

Há tempos, foram expostos numa montra da *baixa* exemplares de tôdas as fases por que passou determinado aparelho. O público ria-se da complicação absurda — mesmo grotesca — do primeiro tipo, e ficava sério quando os seus olhos encontravam o último. De ano para ano, foi-se simplificando: as peças, de comêço colocadas como que arbitràriamente, foram-se tornando simétricas; mais adiante, já se reconheciam indícios de uma lógica e de uma estética; por fim, com as dimensões reduzidas e as linhas sòbriamente, harmònicamente conjugadas, via-se ali uma coisa decente, agradável, apetecível.

O objectivo dessa exposição foi a propaganda. No entanto, resultou daí um curioso ensinamento, que faz pensar na vantagem de se criar uma espécie de museu, onde estivessem permanentemente expostas várias espécies evoluídas de aparelhos, instrumentos, máquinas, utensílios domésticos, ferramentas, etc.

Nesta página se encontram dois exemplos de bom gôsto na Técnica. Olha-se para êles e fica-se encantado. Simplicidade, sobriedade, harmonia...

É por isso que quási tôda a gente já disse ou pensou, defronte de um dêsses frigoríficos modernos, pintados de branco, à pistola: — mal empregado numa cozinha!

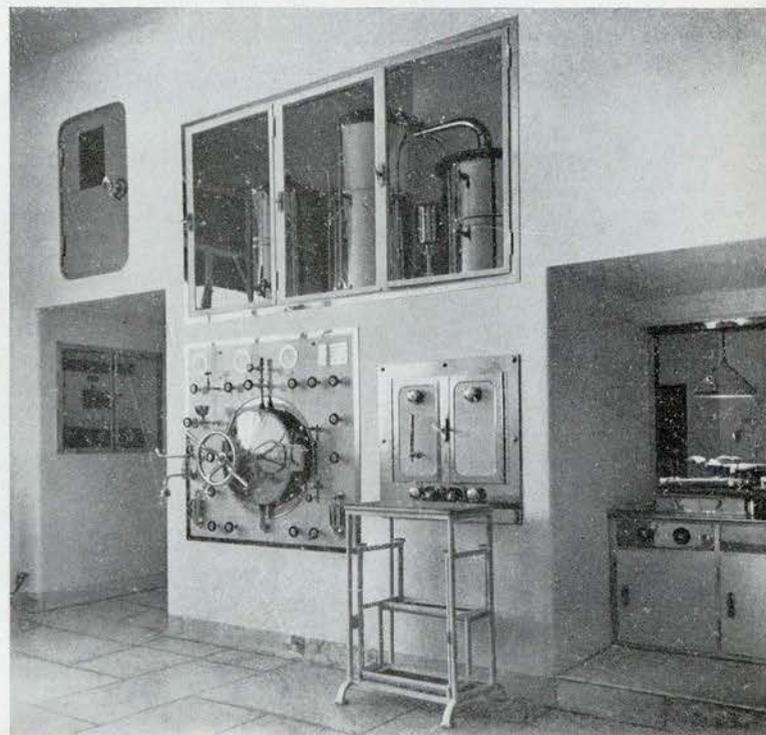



FOTO JOSÉ AUGUSTO

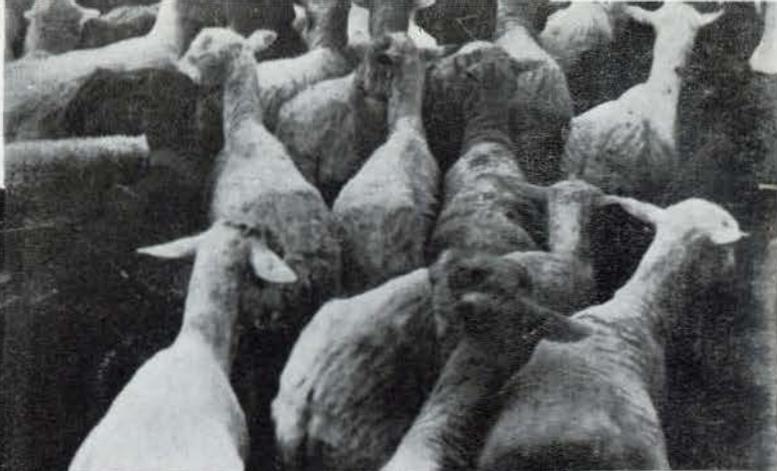



FOTO MÁRIO NOVAES

Tudo contribui para que a paisagem do nosso continente seja lírica e pitoresca: O clima, os tipos humanos, a arte monumental e popular — e também os rebanhos, que abundam nas serras e fazem parar, frequentemente, os automóveis nas estradas . . .

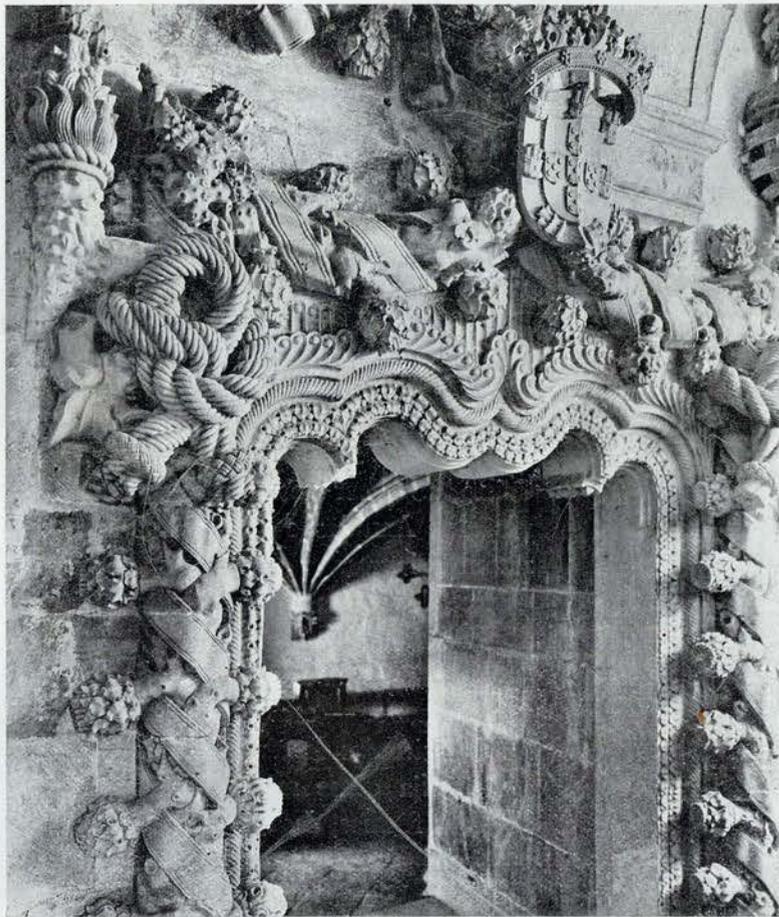
FOTO ANTÓNIO PARRO

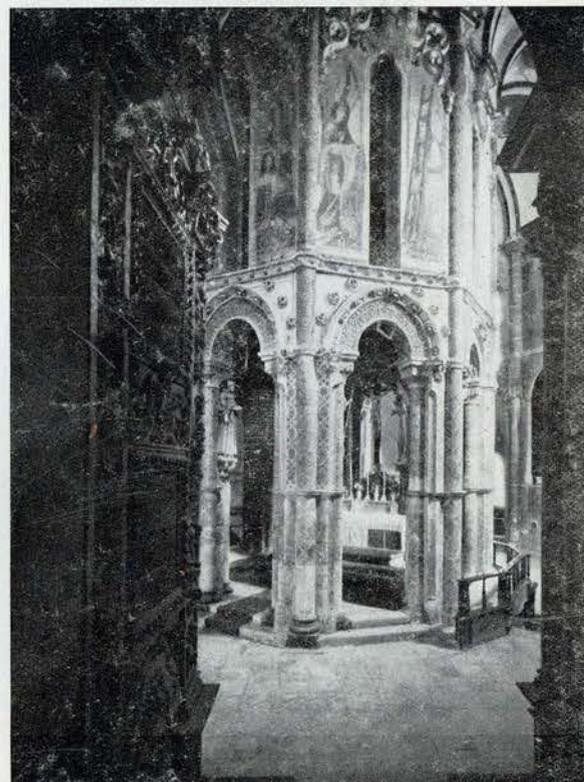
Tomar — Vista do Castelo

por Matos Sequeira

UM viajeiro francês que há dois anos cruzou Portugal confessou, ao terminar o agitado *séjour*, que nenhuma outra terra o cativara tanto como Tomar.

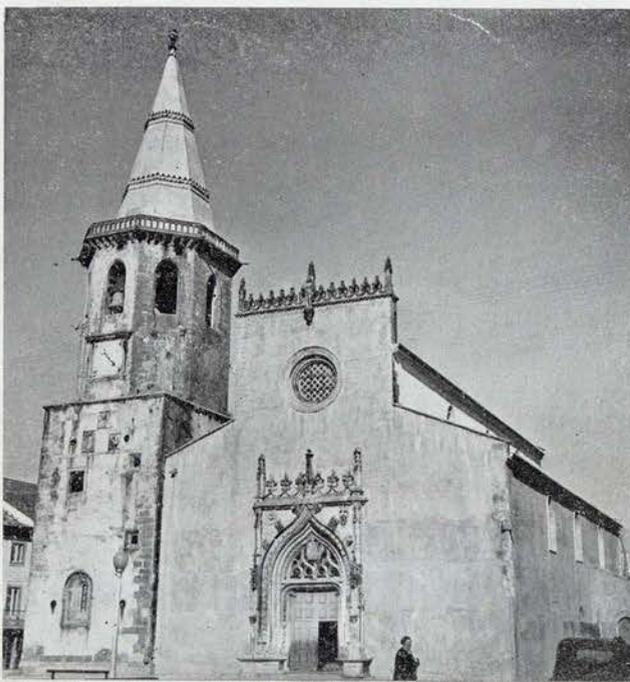
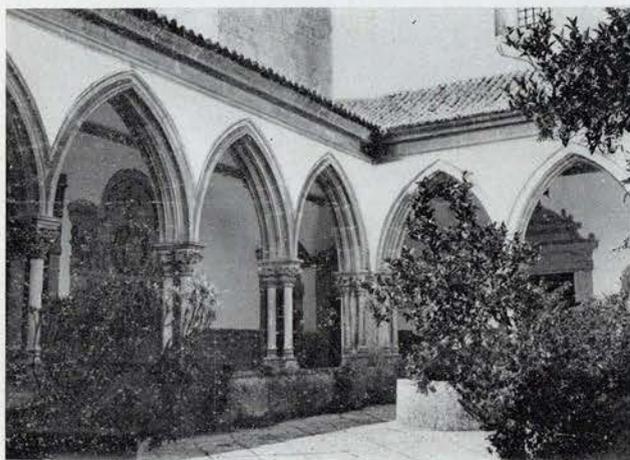
E a um «porquê» curioso, respondeu: — É aquela onde a natureza e a arte estão mais de acôrdo. Dir-se-iam feitas uma para a outra.

Tinha razão. O milagre daquele *ménage* feliz que proliferou encantos de tôda a espé-

Trecho de janela manuelina

cie, foi tão longe que a obra humana e a obra divina até às vezes se absorvem uma na outra. O Aqueduto dos Pègões é, ao mesmo tempo, païsagem e arquitectura. Depois o «ar» repousante do subúrbio envolvente, a graça tranqüila com que o rio serpeia encaixilhado em choupos e salgueiros, até ir provocar o gemido elegíaco da grande «roda» do Mouchão e servir de espelho para o narcisar dos seus arvoredos, tudo pontua

A «charola» dos Templários

O Nabão — a écloga ribeirinha

O claustro-ogival do Convento de Cristo

A fachada manuelina-chamejante de S. João Baptista

as orações de louvor à cidade e abre saborosos parêntesis entre cada período de análise à arte dos Templários e dos Freires de Cristo, ao saber dos Castilhos, dos Gonçalves, dos Arrudas e dos Torralvas, que gizaram e lavraram as páginas de pedra do Códice de Canons que é a cidade de Gualdim Pais.

A história da arquitectura portuguesa — pode dizer-se — está ali tôda, e não só a história simples do evoluir dos estilos, senão a filosofia dêsse mesmo compêndio, o *au delà* das formas, das traças, dos volumes, das proporções e do ornato, ali com um sabor oriental, além com robustezas medievais beijadas de bizantinismo, acolá florindo o gótico ou erguendo até o ponto mais alto do equilíbrio, o renascentismo do final do século XVI.

Da «charola» dos Templários, contrafortada, solene, fechada num idealismo de fé cristã, ao admirável cláustro de Torralva, de uma concepção e de uma execução dominadoras, e à jóia do classicismo que é o templo da Conceição, a arte religiosa de construir sabe sorrir em Tomar tão atraente e tão amável, a tudo e a todos, a si mesmo até, que não

Onde a Natureza se harmoniza com a Arte: — através da ramaria das árvores, o Convento de Cristo, em Tomar.

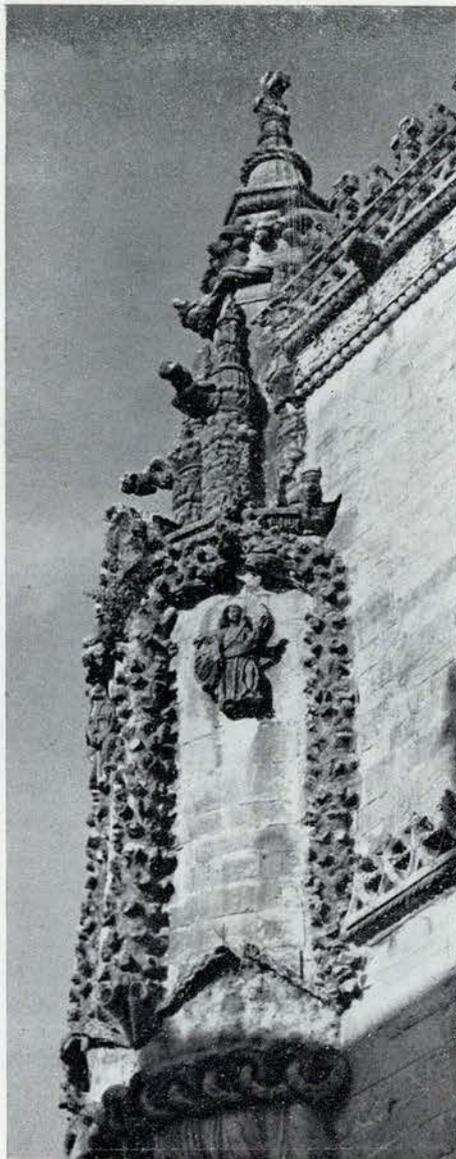
(Foto Mário Novaes)

há ninguém que lhe não corresponda enlevado, e se demore a vê-la, e fique mais um dia, não para procurar entendê-la, porque ela tôda transparece, mas para namorá-la melhor, olhá-la de longe através a verdura, vê-la do alto a espreguiçar-se para o rio, tocá-la de perto, saboreá-la, enfim.

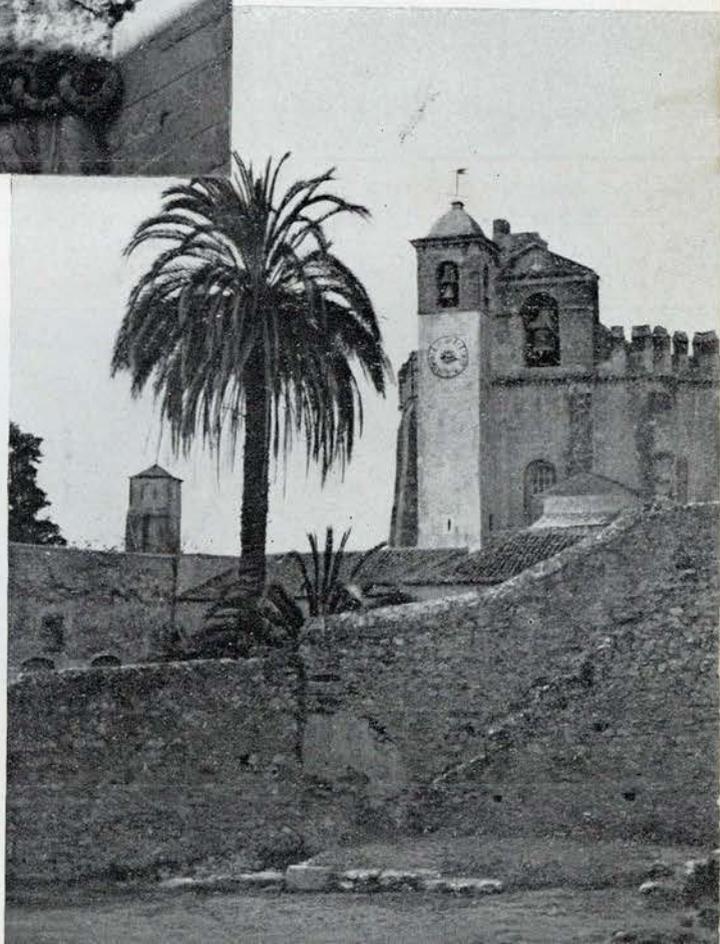
Santa Iria é um mundo de lendas e outro mundo de evocações freiráticas. Os escultores de Coimbra andaram ali; o quinhentismo, na hora de D. João III, selou a arquitectura. Espreita-se o Pêgo do Mártir, sonha-se dois minutos e surge-nos depois Santa Maria do Olival. É o século XIII que está deante de nós, quási soterrado, e que tanto tempo gritou que o salvassem. E deixada a basílica ogival com o Bispo D. Diogo Pinheiro no seu túmulo coimbrão, e atravessada a ponte, eis-nos na outra pequena cidade.

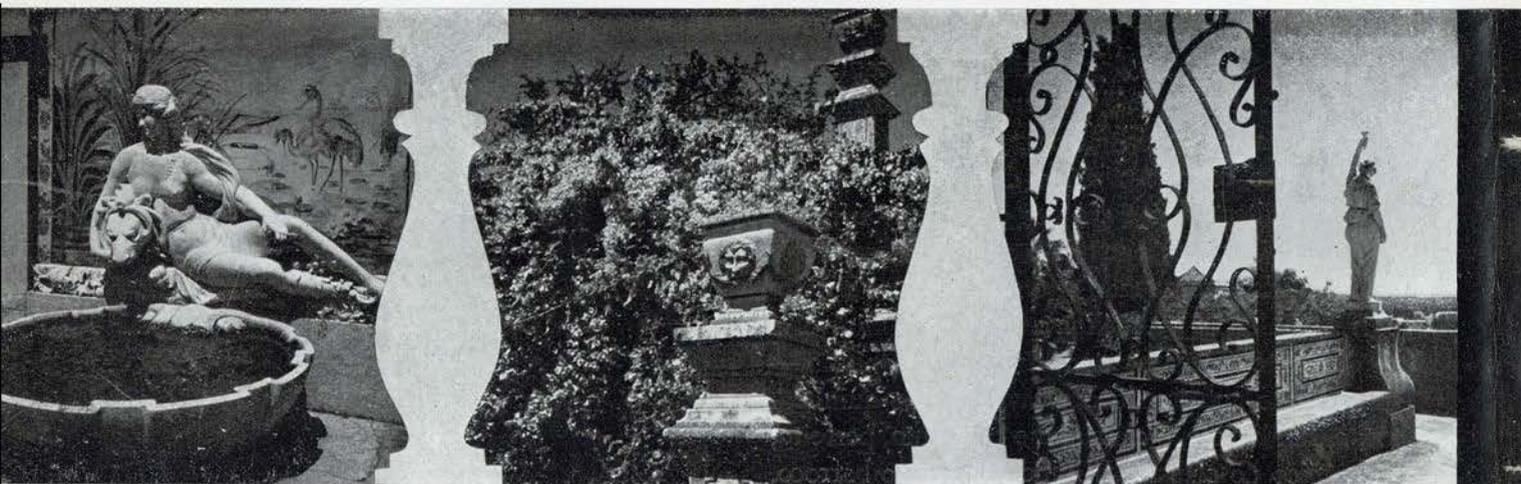
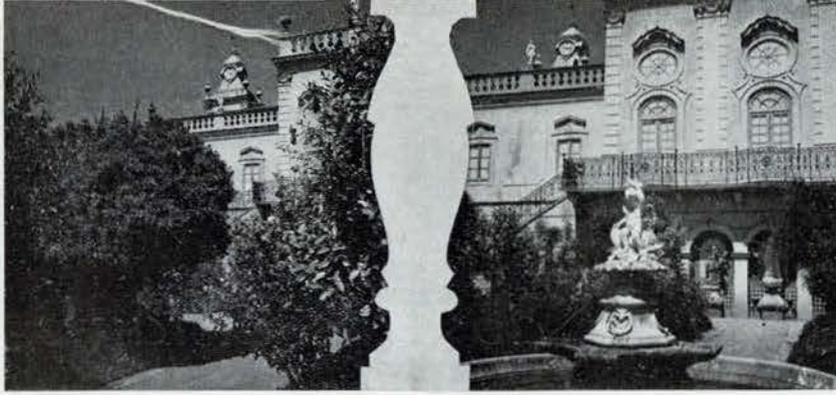
Mirem-se as suas janelas singulares, de canto, emolduradas com cantarias côr de oiro, fixe-se nas pupilas o gótico contorcionado, chamejante, rico, de S. João Baptista e a sua esbelta tôrre manuelina. O Convento lá em cima, no môrro dos Templários, promete uma lição e um espectáculo — o panorama dos estilos e o panorama da cidade e do arrabalde.

O Nabão é uma écloga ribeirinha, cantando, na avena mal percetível das azenhas, o idílio permanente da arte e da natureza.

Primeiro os versos rudes da charola medieva que a arquitectura e a pintura quinhentista instrumentaram de novo; a seguir o elevado lirismo ogival, dionisiano, erguendo-se e rimando ao alto; depois a opulência manuelina no portal admirável e na delirante e desconcertada janela do Capítulo — gongorismo antecipado dos lavrantes de quinhentos; e, finalmente, o classicismo composto, perfeito, harmónico do cláustro filipino. E ainda o barroco, e ainda o resto, cláustros, refeitório, corredores, púlpitos, janelas - mirantes e terraços-belvederes onde a campina ondulada se mostra acariciando os olhos.

Lá está a Piedade! lá está S. Francisco! lá está a Conceição! E Tomar abre as suas ruas direitinhas ao rio, os tufos verdes do Mouchão marcam o retiro edénico dos repastos de turismo, e ao longe o aqueduto fradesco corta com a pedraria arqueada a païsagem extremenha, agarrando-a à cidade, para que não deixe de dar-lhe, todo o sempre, aquele amplexo amoroso de verdura, de água, e de lirismo.

Será isto Tomar?

A viagem é fácil. Vão, voltem e digam-no depois.

Pode dizer-se que Portugal, turìsticamente, é inesgotável de surpresas. Na Natureza, como na Arte, há sempre novidades para descobrir. Aqui se demonstra, mais uma vez, essa virtude, revelando-se alguns aspectos duma casa e jardim setecentistas, que o escritor inglês John Gibbons descobriu e dois portugueses «desencantaram» em Estói.

Estátuas, fontes, azulejos, escadarias, portas de ferro trabalhado, vegetação variada e frondosa... Se o Algarve não fôsse, como é, uma província rica de atractivos, bastaria a existência dêste palácio para justificar a curiosidade dos viajantes. CLICHÉS TOM

Reportagens Imprevistas

UM PARQUE ROMÂNTICO NO ALGARVE

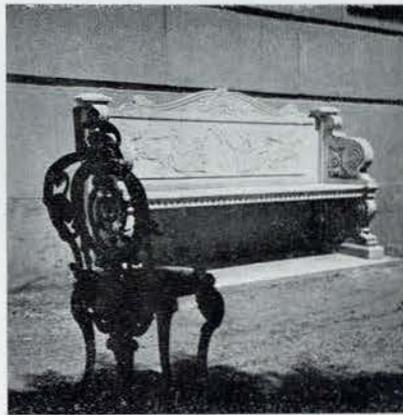
Quando há dias passei de automóvel por S. Braz de Alportel, lembrei-me que John Gibbons, o simpático escritor inglês que em 1940 ganhou o Prémio Camões, do S. P. N., com o seu trabalho sôbre Coleja: «I gather no moss», no livro em que trata do Algarve, «Playtime in Portugal», se referia a um jardim que por ali algures existia, conhecido de muito poucos e que merecia a pena ser visto, principalmente pela bizarria da sua estatuária. Foi esta, pelo menos, a impressão que retive, daquela passagem do livro que li. Falei nisso aos amigos que iam comigo no carro e logo todos concordámos que era preciso visitar o jardim do senhor Gibbons. Parámos e preguntámos. Onde ficaria por ali um jardim assim assado...

Mas ninguém conhecia o jardim assim assado. Os de S. Braz conferenciaram da porta para a janela e de janela para a rua, mas não puderam elucidar-nos. Juntou-se o povo à volta do automóvel. De que se tratava? Eram uns senhores de Lisboa que preguntavam por um jardim bonito, com estátuas, que podia ser visitado.

Jardim bonito... em S. Braz de Alportel ou ali perto... seria o jardim da Câmara?

Estivemos quási a acreditar que era fantasia ou visão de John Gibbons, o tal jardim bonito, que merecia a pena ser visto. Mas um senhor que a certa altura se aproximou do rancho, sabia da existência dum jardim, com estátuas, exactamente, ali a meia dúzia de quilómetros, em Estói. Devia ser êsse. E era.

Fomos para Estói.

Que jardim seria aquêle, do qual nenhum de nós ouvira falar, que era quási desconhecido na vizinhança e a que o amigo Gibbons se referia com interêsse? Alguma propriedade de gente rica do Algarve, casa bem caiada com chaminé de filigrana e latadas de sombra fresca.

Quem sabe se um jardim sevilhano, com tanques, azulejos e repuchos. Talvez um jardim de requintado bom gôsto, por entre figueiras e amendoeiras... Mas com estátuas. John Gibbons falava de estátuas!

Chegámos a Estói. Não nos detivemos na contemplação das famosas ruínas. Não eram pedras mortas, escavações eruditas, pesquisas arqueológicas, o que nos levava ali. Era um jardim. Um jardim bonito e com estátuas.

E encontrámos.

Por uma alameda de cedros, ciprestes e eucaliptos, árvores gigantes e farfalhudas, chegámos, pelo flanco, às escadarias dum palácio, já no terraço de um lance superior.

Encostados à balaustrada, olhámos, calados, surpreendidos, os jardins que se espalhavam à volta, em baixo e acima de nós.

Onde estávamos?

Nalgum recanto de Versailles? Num parque italiano, nos jardins dalgum «chateau» no sul de França?

Nada disso. Estávamos no jardim do senhor Gibbons; ou melhor: nos jardins do Palácio do Visconde de Estói, o Sr. José Francisco da Silva, que foi presidente da Câmara de Beja e a quem D. Carlos fez Visconde. O titular comprou aquêle lindíssimo palácio que pertencia à família Carvalhal, cujo brazão de armas lá está ainda no frontão do palácio e arranjou-lhe os jardins com intenção, carinho e a seu gôsto. Não discutimos o gôsto. O conjunto era belo, e, repito, ficámos surpreendidos, olhando o belo edifício e os jardins.

Nem casa algarvia de chaminé rendilhada, nem jardim sevilhano, nem amendoeiras, nem figueiras. Um verdadeiro palácio do século XVIII e um verdadeiro parque romântico!

Da qualidade de um e de outro, nada preciso dizer. As fotografias que Tom ia tirando alvoroçadamente, sem saber para que lado se voltar, falam mais eloqüentemente do que as palavras, por mais próprias que fôssem, que eu aqui pudesse escrever.

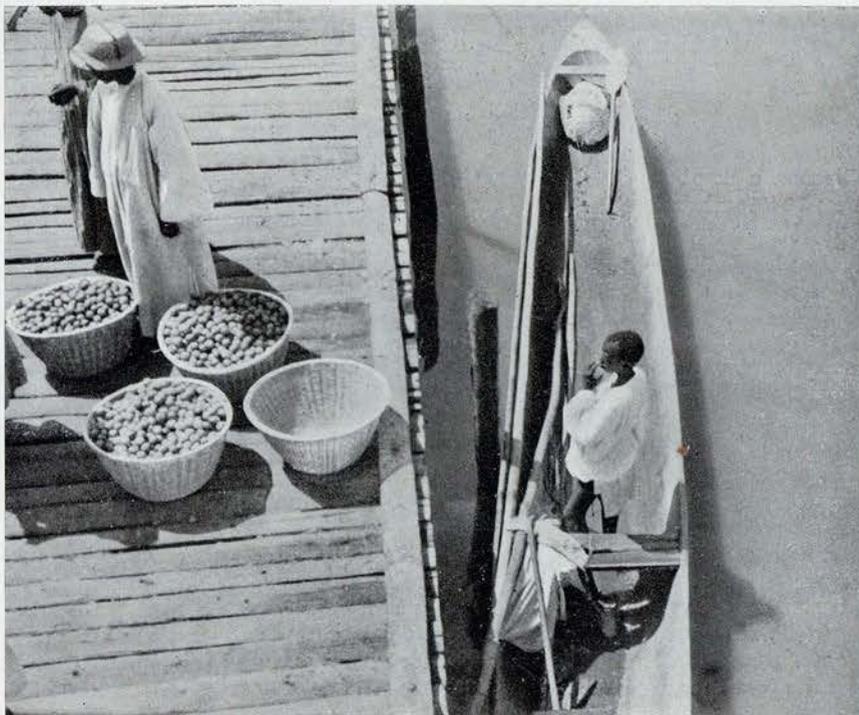
Por tôda a parte, estátuas, bustos; na frontaria do palácio, nas escadarias, por entre as flores e os arbustos, por tôda a parte.

Cascatas, tanques, grupos de estátuas. Estátuas bôas e estátuas más. De mármore e de loiça. Do clássico e do romântico. De tudo um pouco, sei lá! Bizarria! A meio da escadaria, presidindo, o busto de Milton; e, dos lados, Camões, Alexandre Herculano, D. Carlos, Guilherme II, etc., etc. E sôbre os muros do jardim, Vénus, Jupiter, Bismarque, Moltke, etc., etc. Tudo isto emoldurado na folhagem rica das árvores e dos arbustos, das plantas e das flores. Bizarria, sim; mas beleza no conjunto. Muita beleza e muito romantismo. Parece que o século XVIII, ao chegar ao fim, foi para ali com armas e bagagens, com todo o «raffinement» de 100 anos de experiência, mas sofrendo já a influenciazinha do dezanove que se lhe seguiu...

ANTÓNIO NUNES

GUINÉ

Visão do país distante

por Castro Soromenho

Canôa descarregando fruta

No cabo do Golfo, em jornada no Atlântico africano, sob céu de fogo, estende-se a terra vermelha da Guiné. Fica lá no fundo da bôca que o mar cavou, em recortes caprichosos, na terra coberta de vegetação luxuriante — chão raso até às colinas de Bafatá, alteadas a trezentos metros no Boé, onde começa o maciço de Futa D'jalon, que só ganha caminho de águias, a desdobrar-se em montanhas, na Guiné francesa. E em frente, pouco além dos lábios vermelhos da terra, cinqüenta ilhas e ilhotas, tufos de verdura, labirintam caminhos de águas negras que os rios vomitam ininterruptamente.

Foi ali, na terra húmida e quente, xadresada por canais e rios, que o destino das guerras e das migrações escolheu fronteiras para albergar dezassete raças, vindas, com Alá na bôca, dos cimos da África.

Na terra chã, feita em renda verde, de vários matizes, das *lalas* e das florestas cortadas por sem número de canais, apartada pelo Gêba, que atravessa a colónia seguindo a jornada do sol, se agru-

param essas raças, olhando-se desconfiadas, embora espìritualmente unidas pela mesma religião, porque suas ambições terrenas as afastavam, balisando-lhe a vida e as terras.

Formigueiro de gentes várias, tocadas por espírito rebelde, bárbaros sangrando desejos de posse de terras e escravos, gastaram a vida cruzando azagaias e impondo a morte na *tabanca* vizinha.

E quando o lusiada chegou, ergueram-se, de pronto, lanças em riste, e pelejaram pelo chão, em épocas várias, durante centenas de anos.

O descobridor, Nuno Tristão, morreu às mãos dos Nalús. Colonos, militares, mercadores e missionários, seguiram-lhe a jornada de sacrifício, e formaram com o seu martírio os elos da corrente que cintou fronteiras, mais tarde alteradas, diminuídas para 36.125 quilómetros quadrados, pela cobiça estrangeira.

Tombaram muitas bandeiras lusas na terra ensangüentada da conquista e ocupação. E caveiras de portugueses, troféus de bárbaros, branquearam no alto dos paus dos terreiros das *tabancas*, onde o negro, ébrio de sangue e de alcool, bailava ao som dos tambores de guerra.

E só quando o sol espelhou, em tôda a terra guinense, a espada de Teixeira Pinto, e a sua bravura entrou na lenda, e Abdul-Indjai, o seu melhor colaborador, trocou o Alcorão pela Bíblia e se enredou em traições à sua raça, para mais tarde regressar ao mesmo seio, já cansado e murcho de sangrar padecimentos, sorvado por azares da guerra, e se rebelou num gesto que lhe deu penas de cativeiro em Cabo Verde — é que o indígena trocou a lança pela enxada.

E, então, dobrado sôbre a terra, êle compreendeu que negros e brancos podiam sugar o mesmo

Bananal. — Um dos mais impressionantes elementos da paisagem da Guine

chão, rico de mais para os fartar sem que o aguilhão da cobiça os lance em guerras por amor de riquezas.

Apagaram-se as manchas de sangue da terra mártir, e o chão floriu dando ao negro fartura, tranqüilidade e a certeza do triunfo da civilização da raça branca no país dos africanos.

Reverdeceram as *lalas* de arroz e mancarra. E os veleiros singraram, sem que olhos vigilantes procurassem o inimigo, por rios e canais, o mangal a ladeá-los, levando às portas do mar a riqueza do ventre ubérrimo do país guinense.

O homem ergueu cidades — Bissau e Bolama à cabeça — trabalhou a terra e dominou o mistério das florestas. O homem venceu a selva.

A Guiné abriu, de par em par, suas portas, e franqueou caminhos da terra e dos rios, por onde o viajante passa descuidado, a cada passo surpreendido pela beleza das florestas, onde o leopardo e o chacal são motivos de caça, e pelo aspecto, tão vário e estranho, único no Continente Negro, só por si um espectáculo, das dezassete raças, cêrca de quatrocentas mil almas, que a povoam e lhe dão feição à-parte.

A África, tôda a África, está ali representada na sua paìsagem humana.

Os olhos do turista que vem de correr mundo, ante as paìsagens da natureza e a humana, belas em tôda a Guiné, quedam-se em contemplação — e, na sua memória, jàmais se apagará êsse forte, e belo, e exótico espectáculo.

Os Dançarinos Futa - Fulas

A fauna da Guiné é abundante e variada. — Quando tentará os nossos desportistas a caça nas colónias portuguesas?

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE TURISMO
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

Aqui se fala de excursões; da sua importância, da sua enorme utilidade. Ir por aí fóra, direito a uma terra, a um ponto de vista de altitude, a um monumento artístico, é, sem dúvida, um acto salutar, divertido e instrutivo. O turismo alimenta-se, em parte, dêsse prazer dos sedentos de ar livre e dos curiosos de conhecerem as belezas da terra onde nasceram. Trata-se, portanto, de um costume digno de simpatia e de estímulo. Mas que tem as suas normas. Ou antes: que deve ter as suas normas.

O excursionista é, por natureza, um ser humano de instintos nómadas, de carácter expansivo, de índole, quási sempre, alegre. Ora, tudo isto, num português, torna-se numa coisa séria, numa coisa temível! Esquecendo, de-propósito, as apreciáveis excepções, talvez não seja violento afirmar-se que o excursionista nacional é indesejável.

Primeiro: porque macula a Paisagem com os seus excessos, a sua descomposta exuberância. Grita, põe-se em mangas de camisa — um pôr-se em mangas de camisa que ultrapassa os limites da naturalidade — e deixa por tôda a parte um rastro deplorável da sua presença incómoda: restos de comida, papeis sujos, garrafas partidas, latas de conserva, porcarias indizíveis.

Segundo: porque destroi a Natureza. E não há exagêro nesta acusação. Destroi mesmo. Os nossos botânicos que o digam. Na Arrábida, em Sintra, em tôda a parte onde a vegetação é preciosa (muitas vezes constituida por espécies endémicas valiosíssimas), não faz cerimónia em assentar arraiais, acender fogueiras, arrancar raizes, esmagar as flores. Se há um guarda que protesta, é um bárbaro. Não êle, excursionista. Mas o guarda. Já não podem as pessoas divertir-se à sua vontade!

É claro como as casas alentejanas que isto está errado. E que é preciso *acertar*. Porque esta espécie vulgaríssima de excursionista é outro dos grandes, dos piores inimigos do turismo nacional.

ALGUMAS FESTAS E ROMARIAS NOS MESES DE AGÔSTO E SETEMBRO

LOCALIDADES	DIAS	AGOSTO	ESTAÇÕES DE CAM. DE FERRO
BRAGANÇA	24	Festas da Cidade, em honra de Nossa Senhora das Graças.	C/F — Rossio - Campanhã, Campanhã - Bragança (Trasbôrdo em Tua).
SEIXAL	31	Festa tradicional de Nossa Senhora da Atalaia.	De barco. A partir do Cais da Ribeira Nova.
MONTIJO	31	Romaria da Atalaia.	De barco. A partir do Cais da Ribeira Nova.
ALCOCHETE	31	Romaria ao Santuário da Senhora da Atalaia.	De barco. A partir do T. do Paço (Estação dos Cam. de Ferro Portugueses). — Barco o «Alcochete».

LOCALIDADES	DIAS	SETEMBRO	ESTAÇÕES DE CAM. DE FERRO
LAMEGO	1 a 15	Festa tradicional de Nossa Senhora dos Remédios, com peregrinação no último domingo dêste período.	Régua a 13 k. — Camionetas de ligação.
MURTOSA	7 e 8	Romaria de São Paio da Torreira.	Estarreja a 8 k. — Camionetas de ligação.
VILA VIÇOSA	14, 15 e 16	Romaria ao Senhor Jesus da Piedade dos Capuchos.	Vila Viçosa.
POVOA DO VARZIM	14	Grandes Festas da Senhora das Dores.	Póvoa de Varzim.
ALBUFEIRA	14	Festas tradicionais da vila. (Sendo a maioria dos festejos efectuados na praia, a data destas festas depende das luas e das marés).	Albufeira — Automóveis e carros de ligação.

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

ACONSELHÁVEIS *DOIS PASSEIOS NO ALGARVE* *INESQUECÍVEIS*

FARO-VILA R. DE SANTO ANTÓNIO-S. BRAZ D'ALPORTEL-FARO

	Kms.
FARO	
Olhão	9
Luz	15
Tavira	6
Monte Gordo (Praia)	20
Vila Real de Santo António	4
Tavira	22
S. Braz de Alportel	23
Estói	9
Faro	10
	118

FARO:
Pensão-Restaurante Cabaz da Fruta
Diárias de 22$50 a 32$00

MONTE GORDO:
Pensão Espanhola
Diárias de 16$00 a 26$00

VISITE O SUL DO PAÍS
PAISAGEM LÍRICA—LUZ DE SONHO

FARO - PRAIA DA ROCHA - SAGRES - CABO DE S. VICENTE - FARO

	Kms.
FARO	
Loulé	16
Pôço de Boliqueime	13
Albufeira	13
Portimão	33
Praia da Rocha	2
Lagos	20
Sagres	33
Cabo de S. Vicente	7
Lagos	40
Portimão	18
Silves	17
Ferreiros	21
Faro	33
	266

FARO:
Cabaz da Fruta

PORTIMÃO:
Hotel Central
Diárias de 27$00 a 37$00

PRAIA DA ROCHA:
Grande Hotel da Rocha
Diárias de 35$00 a 70$00
Hotel Bela Vista
Diárias de 30$00 a 70$00

ALGUNS CASTELOS NO PÔRTO E ARREDORES

NOMES	ENDEREÇOS	OBSERVAÇÕES
DE BRAGA	BRAGA	Tôrre de Menagem ou antigo castelo e ruïnas das muralhas.
DE FARIA	BARCELOS	
DA FEIRA	VILA DA FEIRA	
DE GUIMARÃES	GUIMARÃES	
DE LEÇA DO BAILIO	PÔRTO DE LEIXÕES	
DE LANHOSO	LANHOSO	
PAÇO DE GIELA	ARCOS DE VALE DE VEZ	
DE S. JOÃO DA FOZ	FOZ DO DOURO	
TÔRRE DE PEDRO SEM	PÔRTO	Restos das velhas muralhas da cidade do Pôrto.

NA CIDADE DO PÔRTO: ALGUNS PALÁCIOS

DA BÔLSA	RUA FERREIRA BORGES	
DAS CARRANCAS	RUA DO TRIUNFO	Museu da cidade do Pôrto.
DE CRISTAL	RUA DO TRIUNFO	

ALGUMAS TERMAS (Continuação do n.º 2)

TERMAS	DOENÇAS	HOTEIS	ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO	OBSERVAÇÕES
CHAVES	Dispepsia, artritismo, doenças do fígado, intestinos e dermatoses.	Grande Hotel e várias Pensões Diárias de 18$00 a 60$00	Chaves	
CUCOS	Gôta, reumatismo e doenças da garganta.	Pensão dos Cucos Diárias de 30$00 a 50$00	Tôrres Vedras	
CURIA	Artritismo e litiase úrica.	Muitos Hoteis e Pensões Diárias de 20$00 a 150$00	Curia	Estância muito freqüentada e animada. Piscina, tennis, etc.

ALGUMAS TERMAS (Continuação)

TERMAS	DOENÇAS	HOTEIS	ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO	OBSERVAÇÕES
ENTRE-OS-RIOS (Tôrre)	Bronquites asmáticas, enfizemas, laringites e manifestações erpéticas.	Grande Hotel da Tôrre Pensão Carlos Diárias de 15$00 a 80$00	Cête	
ESTORIL	Reumatismo, gôta, doenças de senhoras e linfatismo.	Muitos Hotéis e Pensões Diárias de 25$00 a 250$00	Estoril (Linha de Cascais)	Casino, jôgo, dancing, cinemas, golf, tennis, piscinas, etc. Praias, pinhais.
GEREZ	Litiase biliar, cirroses, congestões hepáticas e doenças de nutrição.	Vários Hotéis e Pensões Diárias de 18$00 a 80$00	Braga	
LUSO	Doenças de nutrição, albomina e estados anafiláticos.	Muitos Hotéis e Pensões Diárias de 20$00 a 140$00	Luso-Buçaco	A 2 k.ms do Pálace Hotel do Buçaco. Parque. Piscina, etc.
MOLÊDO (CALDAS DE)	Sífilis, reumatismo, doenças de pele e das vias respiratórias.	Grande Hotel das Termas Pensão Gomes Diárias de 20$00 a 60$00	Caldas de Molêdo	
MONFORTINHO	Doenças de pele, rins, fígado e intestinos.	Hotel da Fonte Santa Pensões Diárias de 35$00 a 125$00	Castelo Branco	Estância de repouso e óptima região para caça.
MONTE REAL	Entero-colites, enterites, artristimo, fígado e rins	Hotel Monte Real e várias Pensões Diárias de 22$50 a 130$00	Monte Real	
MONCHIQUE (CALDAS DE)	Reumatismo, sífilis, doenças da pele e dispepsias.	Pensão Correia Diárias: 20$00	Portimão	Próximo da Praia da Rocha. Estância de repouso muito arborizada.
PEDRAS SALGADAS	Gastrites crónicas, úlceras gástricas, dispepsias, fígado e rins.	Vários Hotéis e Pensões Diárias de 20$00 a 120$00	Pedras Salgadas	
RADIUM	Doenças de nutrição, artritismo, pele e coração.	Hotel das Termas Radium Diárias de 30$00 a 100$00	Caria (Beira Baixa)	
SALUS	Dispepsias, cirroses, doenças intestinais.	*(Ver Vidago)*	Vidago	*(Ver Vidago)*
TAIPAS (CALDAS DAS)	Doenças da pele, reumatismo, afecções dos aparelhos respiratório, digestivo e génito-urinário.	Hotel das Termas Pensão Vilas Diárias de 20$00 a 50$00	Guimarães	Praia fluvial, patinagem, tennis. Passeios fluviais.
TERMAS DE S. PEDRO DO SUL	Reumatismo, artritismo, laringites e bronquites.	Hotéis e Pensões Diárias de 20$00 a 40$00	Termas de S. Pedro do Sul	A 22 k.ms de Viseu.
URGEIRIÇA	Astenias, astralgias e doenças da pele.	Hotel Urgeiriça Diárias de 50$00 a 60$00	Canas de Senhorim	Estância de repouso. Piscina, tennis, golf.
VIDAGO	Dispepsias super-ácidas e litíase biliar.	Vários Hotéis e Pensões Diárias de 22$50 a 200$00	Vidago	Uma das termas melhor freqüentadas. Golf, tennis, etc.
VIZELA	Reumatismo, sífilis, doenças da pele, catarros respiratórios e ginecológicos.	Vários Hotéis e Pensões Diárias de 18$00 a 60$00	Vizela	

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

TERCEIRA JORNADA

No Velho Testamento, Capítulo VI, lê-se: «O vinho deleita o coração dos vivos. Não há nada sôbre a terra, de melhor ao homem, que comer, beber e divertir-se. Vai, pois, come o teu pão com alegria e bebe alegremente o teu vinho, porque Deus tem já as tuas acções por agradáveis».

Orientados por tão autorizada sentença, prepare-se a volta de um dia por uma das mais tradicionais regiões vinícolas da velha província da Estremadura: a região torrejana.

Marquem-se como pontos principais do itinerário: Mafra, Tôrres Vedras, Arruda dos Vinhos — partindo de Lisboa e a ela regressando.

Esta zona turística, caracterizadamente vinícola, tem a importância de englobar as célebres «linhas de Tôrres» de que o ministro francês Paléologue falou assim, no seu diário, ao resumir as opiniões dos adidos militares, acreditados em Sofia, pouco antes de estalar a guerra de 1914: «As Linhas Tchataldja são tão inexpugnáveis como foram as linhas de Tôrres Vedras».

Por Sintra, alcança-se a Ericeira, depois de se deixar, três quilómetros antes, a pequena mas curiosa mancha vinhateira da Carvoeira, aninhada nas encostas que descem para o vale onde corre manso riacho que vai desaguar no oceano, na Praia da Foz, sob a protecção da Senhora do Pôrto que se venera na ermidinha rústica erguida entre os vinhedos.

A Ericeira, que os versados em história recordarão ter longa existência, atestada pelo seu nome arcaico de «Oiriceira» (a que o ouriço heraldicamente dá representação) tem uma vida piscatória muito interessante e brilhou certo momento, na vida portuguesa. Foi ali, com o estadão possível, que o «rei da Ericeira» — o impostor de D. Sebastião — teve a sua côrte e deu beija-mão no palácio que, já neste século, foi destruído por um incêndio mas cuja localização é fàcilmente obtida. Dali partiu o pequeno exército que, antes de chegar a Tôrres, foi desbaratado...

Para se ver a costa, as admiráveis arribas de mais de trinta

metros de altura, pare-se na «sala de visitas», à entrada da vila.

Prosseguindo, é evidentemente em Mafra que deverá almoçar-se depois da visita ao maior edifício da península, o Convento, que nos relembra os faustos da côrte do nosso rei magnânimo. À esta refeição deve presidir a lagosta, trazida dos viveiros que engenhosamente foram construídos nas rochas das Furnas, na Ericeira, e o célebre vinho da Carvoeira. À sobremesa os pastéis denominados «carrilhões» e os queijinhos frescos darão um complemento de bom sabor local.

«Pão e vinho ajudam ao caminho»... e sem mais detenças, pela Tapada retome-se a marcha, saindo-se pela porta da Murjeira onde vai encontrar-se a estrada que, pela Encarnação e S. Pedro da Cadeira, leva à praia de Santa Cruz, com a sua estranha riba amarela.

Em direcção a Tôrres, antes de fazer entrada na velha «Turres Veteres» dos romanos, não pode deixar-se de subir ao monte em que os frades franciscanos ergueram o convento do Varatojo, donde partiram tantos missionários que pelas terras de África dilataram a fé e o império...

O histórico Castelo, fronteiro à elevação onde se ergue o forte de S. Vicente, a que se chega por uma estrada nova bem lançada e donde se disfruta um vasto horizonte, pouco tem da sua arquitectura. Recentes derrocadas, mesmo, danificaram sèriamente a muralha. Pelo norte, fica sobranceiro à vila onde reis pousaram, onde passaram os exércitos portugueses para feitos heróicos e que, na resistência do conde de Bonfim, teve o seu último feito de armas.

Cêrca dali, a Roliça e o Vimeiro, evocam o empaledecimento do fulgor da estrela militar de Napoleão...

Não é especialmente rica de monumentos a vila de Tôrres, tão velha como os tempos, onde vestígios romanos marcam, todavia, a longevidade da sua existência e os forais outorgados pelos primeiros reis marcam a importância política e económica que sempre teve na vida nacional.

Pode destacar-se como merecendo atenção: o Museu Municipal, as igrejas da Graça e de S. Pedro, aquela colocada onde foi a gafaria, o chafariz dos Canos.

Cabeça dum concelho cuja produção vinícola é superior a qualquer outro do País, possui vinhos tintos e brancos de incontestável valor, que ficaram célebres nas tabernas da capital para onde eram transportados em ôdres ao dorso de mulas formando longas récuas.

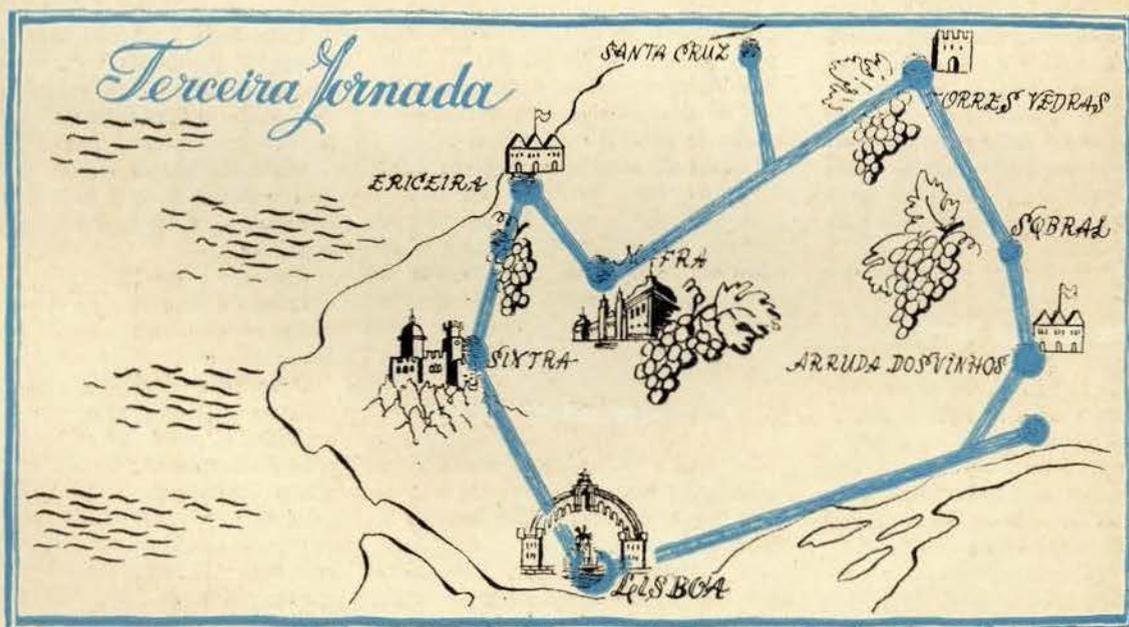
Os vinhos tintos são incorpados, taninosos, com moderada fôrça alcoólica, acídulos, de agradável gôsto frutado. Têm particular superioridade os das freguesias de Turcifal, Runa, Ribaldeira e Dois Portos — aos quais é justo acrescentar os de Enxara, já no concelho de Mafra.

Os vinhos brancos ligeiramente maduros, uns, mais sêcos, outros, têm equilíbrio e flavor.

Percorrida a vila, visitadas as vinhas que até aos limites urbanos vêm rùsticamente cingir o burgo, desça-se ao choupal, à beira do Sizandro, não longe da capelinha da Senhora do Ameal. E dali mesmo, tome-se, depois, a estrada para Runa, que atravessa um regato a que o povo chama «rio de sangue» porque, segundo a tradição, num combate memorável travado contra as hostes napoleónicas, no lugar desde então denominado Matacãis, ficou com as águas vermelhas...

Siga-se por Dois Portos, Sobral de Monte Agraço, para Arruda dos Vinhos, atravez uma região essencialmente vinhateira, dominada constantemente por um panorama de cepas, ora despidas de parras e dramàticamente torcidas entre os torrões ubérrimos levantados pela cava de Fevereiro, ora vestidas pelo verde tenro das roupagens que escondem do sol os cachos turgidos, ora aquecidas pelos tons rubros que o outono trás numa derradeira despedida...

E porque, como dizia um dominicano português, Frei Lucas de Santa Catarina, «o vinho deve ser a veneração de todos, porque é o apito dos enfêrmos, as cócegas dos tristes, a gaita dos alegres, o melaço dos marotos, o mimo das damas, o beijo das freiras, a mecha dos moços e o borracho dos velhos», desta volta deverão trazer-se algumas garrafas, não só de vinhos de pasto como dos licorosos «Extremadura» — para regar o jantar e enriquecer a garrafeira que tôda a dona de casa que se preza tem e cuida com carinho porque é nela que encontrará sempre um dos seus melhores colaboradores para proporcionar a alegria e boa disposição àquêles que se acolhem ao confôrto do seu lar.

ANTÓNIO BATALHA REIS

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Prémio Automóvel Club de Portugal

No Automóvel Club de Portugal e nas suas delegações distritais, foram entregues, em Julho, vários prémios aos chefes de conservação de estradas e cantoneiros que mais se distinguiram, durante o ano de 1940, no arranjo e embelezamento das vias de comunicação.

O número de contemplados com o «Prémio Automóvel Club de Portugal — 1940» foi elevado, e nas cerimónias da sua entrega louvou-se o esfôrço dêsses trabalhadores no melhoramento das estradas do País, e a política do Estado Novo.

Praia de Santa Cruz

Na Praia de Santa Cruz, uma das mais belas e concorridas do nosso litoral, foram feitos importantes melhoramentos. A Comissão de Turismo mandou construir pequenas varandas no meio dos rochedos, de onde se podem admirar vastos panoramas, e a direcção da Hidráulica do Tejo e Portos mandou fazer um varadouro e rampa, que vem facilitar o desembarque do peixe, permitindo, também, aos veraneantes tomar banho quando o mar está agitado.

Jardim da Infância da Ajuda

Lisboa tem mais um parque infantil. Foi inaugurado, recentemente, na Ajuda, num recanto acolhedor da rua D. Vasco.

Ao acto inaugural, que foi presidido pela espôsa do Chefe do Estado, assistiram centenas de pessoas.

O Jardim da Infância da Ajuda é obra dos moradores dêsse populoso bairro, que, num gesto digno de todo o louvor, se cotizaram para construir, junto das suas casas, um lugar de recreio para as crianças pobres.

Museu Rafael Bordalo

No Campo 28 de Maio, numa casinha florida que todos os artistas conhecem e que o público já se acostumou a visitar, o Museu Rafael Bordalo, há dias reaberto e completamente remodelado, mostra-nos um interessante documentário da vida lisboeta de há meio século.

Nas treze salas dêsse «museu de saüdades», o talento excepcional do artista dá-nos — como alguém escreveu — «a graça, a beleza, o picaresco; a «charge», a ironia, a crítica, a ponta de espada fina e dúctil; a política e a sociedade, o Chiado e o Passeio Público; os artistas, os letrados, os estadistas; o Teatro, o livro, o «café», o Parlamento, o jornal e o salão; o povo que rabuja, as côrtes que ralham, a Câmara que não rega; os costumes galvanizados a lápis, e o belo espírito de muitos homens, vencidos e vencedores da vida».

Bairros de Casas Económicas

Os Bairros de Casas Económicas e as Casas do Povo e dos Pescadores ocupam lugar de relêvo na organização económica e social do País.

Milhares de trabalhadores, nas cidades e nos campos, vivem nêsses bairros, construídos pelo povo, para o povo.

Em Julho, foi inaugurado em Alcácer do Sal um bairro de Casas Económicas, no sítio de S. João e procedeu-se ao lançamento da primeira pedra para a Casa do Povo. Em Peniche, os pescadores assistiram, no dia 10 dêste mês, à inauguração do seu bairro, com 16 moradias, destinadas aos mais pobres, como o Chefe do Govêrno as idealizou e definiu: «...casa dos mais pobres, casa salubre, independente, ajeitada como um ninho — lar da família operária, lar modesto, recolhido, português».

Exposição de Delfim Maia e Francisco Maia no S. P. N.

Na galeria do S. P. N., dois artistas — pai e filho — Delfim Maia e Francisco Maia, expuseram numerosos trabalhos de arte plástica, que mereceram o agrado do público e da crítica.

Dignas de admiração, as obras escultóricas em «cera perdida», em ferro e prata laminados e em latão cromado. «A caminho da posição», os touros e os cavalos nas corridas de arenas e nas de «pelouse», foram especialmente apreciados.

«Conheça a sua terra»

Continua a realizar-se às sextas-feiras, na Emissora Nacional, êste programa de vulgarização, elaborado pelos Serviços de Turismo do S. P. N.

Em animados diálogos, conduzidos num tom ligeiro e optimista — como à circunstância convém — têm sido versados numerosos assuntos artísticos, paisagísticos, etnográficos e folclóricos (estes ilustrados com especimes dos cancioneiros das várias regiões do País) e feitas campanhas contra os ruídos, a falta de higiene, o mau gôsto, e a pouca simpatia e mau humor de alguns comerciantes e empregados, com quem os turistas tomam, muitas vezes, o primeiro contacto humano.

O programa «Conheça a sua terra» tem, além disso, cumprido uma das suas mais importantes finalidades, promovendo e organizando, todos os domingos, passeios culturais e excursões em camionetas, de que têm beneficiado centenas de portugueses e estrangeiros desejosos de apreciar as belezas panorâmicas e monumentais do nosso continente.

A lista dessas realizações, publicada no boletim do primeiro número de «Panorama», acrescentamos as seguintes, desde 1 de Junho a 17 de Agôsto:

Visita ao Convento de Mafra, guiada pelo conservador do monumento, Dr. Silva Lopes.

Passeio à praia do Guincho, pela Estrada Marginal, com visita ao novo Estádium, tendo servido de guia o arquitecto Alfredo Caldas.

Passeio a Óbidos, com almôço na *Estalagem do Lidador.* — Acompanhou a visita ao castelo o Dr. Silva Lopes.

Passeio fluvial à barra.

Passeio ao palácio da Bacalhoa e ao Castelo de Palmela, guiado pelo historiador olisipógrafo Matos Sequeira.

Visita ao Arsenal e à Escola Naval do Alfeite, guiada pelo oficial de dia, primeiro tenente Carlos Teixeira.

Excursão a Santarém, com visita aos principais pontos de vista e monumentos da cidade. — Acompanhou os excursionistas o Presidente da Câmara Municipal, Sr. António Basto.

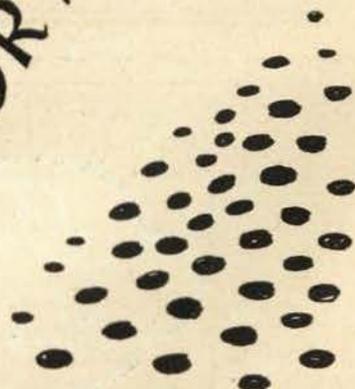
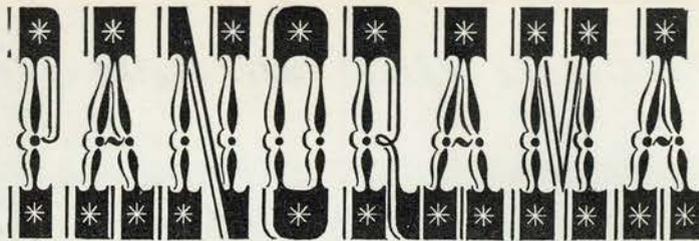
Visita à Tôrre de Belém, servindo de guia o crítico de arte Luiz Reis Santos.

Passeio ao Cabo Espichel e à Lagoa da Albufeira.

Excursão à ilha Berlenga.

Passeio ao Portinho da Arrábida, com visita ao Convento Novo, guiada por Matos Sequeira.

Devemos aqui registar, não só o entusiasmo crescente com que têm sido acolhidas estas iniciativas, mas ainda — porque directamente e mais do que uma vez as observámos — as seguintes qualidades demonstradas pelos excursionistas tas: cordialidade, correcção, simpatia e bom humor. Tudo numa conta certa que apetece sintetizar desta maneira: «espírito turístico».

BEBA OS CAFÉS DE
TIMOR
S. TOMÉ
CABO VERDE
ANGOLA
PORQUE
SÃO DOS MELHORES E
SÃO PORTUGUESES
Candido

publicará

NÚMEROS ESPECIALMENTE DEDICADOS AO NORTE, CENTRO E SUL DO PAÍS, SAINDO O PRIMEIRO NO OUTONO

de 1941

POUSADA DO CONDE

sob o Patrocínio do S. P. N., vai abrir nos primeiros dias de Setembro em

COLARES

PASSA, pois, a haver, a meia hora de Lisboa e dos Estoris, onde passar uns dias num ambiente de sossêgo e de beleza e onde comer, frente a um panorama surpreendente, um magnífico almôço, um magnífico chá e um magnífico jantar.

Telefone Colares 46

GRANDES ATELIERS
DE GRAVURA
BERTRAND
IRMÃOS, L.DA

T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA. TELEF. 21227-21368

SE COMPRAR JOGO NA CASA

GOUVEIA & SILVA

84, Rua da Assunção, 86

LISBOA

TRATA DE REPRESENTAÇÕES, COMPRA, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES

AV. DA LIBERDADE, 158-A - TEL. P. B. X. 27501

TODOS OS ASSUNTOS RESPEITANTES A TURISMO E PUBLICIDADE

PERFUMARIAS DE GRANDE CLASSE

PERFERIDAS POR TÔDA A MULHER DE BOM GÔSTO

CASA DEPOSITÁRIA 5, RUA DO CARMO, 7

PERFUMARIA DA MODA

Editorial Ática, L.da — Composição e impressão, Anuário - Of. Gráficas — Gravuras, Bertrand, Irmãos — Capa e mapa, Lit. de Portugal

COSTA DO SOL
GOLF
TENNIS
HIPISMO
NATAÇÃO
TIRO
PISCINA
EQUITAÇÃO
ROLETA
BANCA FRAN-
CESA
BACCARÁ
CASINO
CINEMA
CONCERTOS
DANCING
RESTAURANTE
BAR
HOTEIS
COMBOIO
ELECTRICO
ESTORIL
A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAIZ
A 23 KM. DE LISBOA PELA ESTRADA MARGINAL * COMBOIOS RAPIDOS